

***INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL GENERAL***

Ano lectivo 2008/2009



TII

DOCUMENTO DE TRABALHO

O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IESM, SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS

**O IMPACTO DOS CONFLITOS REGIONAIS NAS RELAÇÕES
OTAN/EU-RÚSSIA**

COR ADMIL JOÃO MANUEL LOPES NUNES DOS REIS



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**O IMPACTO DOS CONFLITOS REGIONAIS NAS
RELAÇÕES OTAN/EU-RÚSSIA**

COR ADMIL JOÃO MANUEL LOPES NUNES DOS REIS

Trabalho de Investigação Individual do CPOG

Orientador: COR EngAer Palhares

Lisboa, 2009



AGRADECIMENTOS

O meu especial agradecimento aos “SAS”, grupo informal de camaradas de armas, pelas discussões corridas contínuas que muito contribuíram para uma abordagem mais crítica e objectiva das questões que ia encontrando e pelo ânimo e motivação nos percursos mais difíceis.

O meu reconhecimento aos MGen Ferreira da Cunha e MGen Martins Branco pela disponibilidade em partilharem as suas experiências nos Teatros de Operações do Kosovo e do Afeganistão, respectivamente. Sem os seus testemunhos não teria sido possível transpor, para o trabalho, uma visão isenta de realidades tão complexas e violentas. Embora fundamentada nos factos relatados, conjugada com documentação diversa, a análise efectuada é da inteira responsabilidade do autor.

É de inteira justiça reconhecer o apoio e contributos do Cor Palhares, orientador deste projecto, pelo pragmatismo e objectividade demonstrados nas críticas e pela disponibilidade evidenciada.



ÍNDICE

Agradecimentos	i
Lista de figuras	iii
Lista de tabelas	iv
Lista de apêndices	iv
Lista de anexos	iv
Resumo	v
Abstract	vii
Palavras-chave	viii
Lista de abreviaturas	ix
1. Introdução	1
a. Introdução ao tema. Justificação	1
b. Objecto de estudo e sua delimitação	1
c. Objectivos	1
d. Metodologia	2
e. Estrutura e conteúdo	3
2. Os conflitos regionais	3
a. Conflito	4
b. Conflitos regionais e esferas de influência	4
c. Zonas ou áreas de tensão	5
3. O papel da OTAN, EU e Rússia no contexto internacional	5
a. OTAN	6
b. UE	9
c. Rússia	11
c. Outros actores internacionais	13
4. Análise de casos práticos	16
a. Critério	16



b. Processo de análise	17
c. Afeganistão	18
d. Kosovo	19
e. Geórgia	20
f. Padrão no relacionamento dos actores externos	22
5. Prospectiva de evolução das relações da OTAN, EU e Rússia	25
a. Geral	26
b. Cenários face a conflitos regionais	31
c. Reflexões para uma política de segurança e energética	33
6. Conclusões	39
a. Retrospectiva	39
b. Contributos	40
Bibliografia	41

Lista de Figuras

Figura 1 – Matriz Lógica dos Cenários	32
Figura 2 – Expansão da OTAN	66
Figura 3 – Missões da UE	66
Figura 4 – Oleodutos e Gasodutos Russos	67
Figura 5 – Pontes “de energia” ou rivalidades	67
Figura 6 – Transporte de Petróleo	68
Figura 7 – Transporte de Gás Natural	68
Figura 8 – <i>Choke Points</i>	68
Figura 9 – Segurança Energética	69
Figura 10 – Uma Visão da Ásia Central	69

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Factores para o Estudo de Análise de Casos Práticos	18
Tabela 2 – Quadro Sinóptico dos Factores de Análise dos Casos Práticos	18



Tabela 3 – Quadro Comparativo da Coacção Exercida	23
Tabela 4 – Cenários Estratégicos	33
Tabela 5 – Produção e Reservas de Gás Natural (%)	62
Tabela 6 – Origem do Gás Natural Importado (2006)	62
Tabela 7 – Aplicação dos Factores de Análise aos Casos de Estudo	63

Lista de Apêndices

Apêndice 1 – Quadro de Indução	58
Apêndice 2 – Corpo de Conceitos	59
Apêndice 3 – Dados Estatísticos de Energia	62
Apêndice 4 – Casos de Estudo	63

Lista de Anexos

Anexo 1 – OTAN e EU, Actores Dinâmicos	66
Anexo 2 – Rede de Oleodutos e de Gasodutos	67
Anexo 3 – Comércio de Petróleo e Gás natural	68
Anexo 4 – Dispositivo Militar e Fontes de Energia	69



Resumo

O estudo tem como objecto analisar os mais recentes conflitos regionais, pós implosão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) sua caracterização (origens, objectivos, localização geográfica), a atitude da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), União Europeia (EU) e Rússia perante os mesmos, e o impacto nas relações entre estes actores.

Tendo em conta a diferente probabilidade de ocorrência de conflitos, optou-se por centrar a atenção sobre os países emergentes das ex-republicas soviéticas com o objectivo principal de identificar os factores que actualmente mais condicionam esse relacionamento, referenciar quais os conflitos regionais com maior impacto, e, formular uma prospectiva das relações entre a OTAN, UE e Rússia face à deflagração de novos conflitos regionais. Desta reflexão resultaram sugestões de contributos para as políticas de segurança da OTAN e energética da UE e, bem assim, de Portugal.

Para atingir os objectivos delineados a investigação orientou-se na resposta a uma pergunta central (*Quais as perspectivas de evolução das relações da OTAN, UE e Rússia face à possível deflagração de conflitos regionais nos Newly Independent States?*), apoiada em questões derivadas e em hipóteses que foram sendo validadas ao longo do trabalho, procurando determinar-se quais os objectivos e condutas dos principais actores em situações concretas actuais. O estudo efectuado foi de base documental, excepto na análise dos conflitos do Afeganistão e do Kosovo em que o autor beneficiou, para a análise, do testemunho directo de Oficiais Gerais com experiência naqueles Teatros de Operações.

Os resultados obtidos da investigação permitem-nos afirmar que o alargamento da OTAN é considerado pela Rússia como uma ameaça à sua segurança e interesses nacionais; o petróleo e gás natural da região do Mar Cáspio e Ásia Central são fundamentais para o Ocidente; a Rússia tentará controlar os *frozen conflicts* no seu processo de reconstrução da sua esfera de influência; a ocorrência de conflitos continuará a condicionar as relações futuras entre a OTAN, UE e Rússia; e, a associação da força e poder militar com a política energética continuará a constituir um instrumento de poder.

A investigação efectuada permite-nos concluir que a OTAN, UE e Rússia procurarão desenvolver uma política de acomodação como parceiros e rivais, evitando o confronto directo, instrumentalizando e limitando o número de conflitos regionais nas respectivas esferas de influência, mas colaborando pragmaticamente nas suas políticas de



segurança e energéticas desde que os seus interesses vitais não sejam ameaçados. Se necessário recorrerão a políticas coercivas e mesmo ao uso directo da força nos Newly Independent States (NIS), pelo que a deflagração de novos conflitos regionais não pode ser descartada.



Abstract

The aim of this paper is to analyze the newest regional conflicts, *post* implosion of the Union of Soviet Socialist Republics (USSR), their main characteristics (origins, objectives and geographic localization), the reaction of the North Atlantic Treaty Organization (NATO), European Union (EU) and Russia, and their impact on the relations among these key Actors.

Taking into account the probability of conflicts to arise, we have focused on the emergent states of the former Soviet republics aiming to identify the major factors that restraint the relationship among NATO, EU and Russia; to point out the regional conflicts with greater impact; and to prospect the evolution of this trilateral relationship if regional conflicts takes place. Finally, it is humbly suggested some recommendations for the security policy and energy policy of NATO, EU and Portugal.

In order to fulfill the objectives of the paper the investigation was directed to answer a key estimate question (*What are the prospects of the evolution the relations of NATO, EU and Russia if a regional conflict in a Newly Independent States occurs?*) and secondary questions, to find out the chief objectives and conduct of the key Actors in real regional confrontations. The study was mainly based upon open documentation, except for the analysis of the conflicts of Afghanistan and Kosovo that received the contribution of two experienced Army Generals on those Theater of Operations.

The key findings of this study is that the eastward enlargement of NATO is viewed by Russia as a threat to the Russian security and national interests; the oil and natural gas from South Caucasus and Central Asia are fundamental for Western interests; Russia will try to manage the frozen conflict in the reconstruction process of her sphere of influence; regional conflicts will restraint the relations among NATO, EU and Russia; and, the combination of military force and energy policy will be an instrument of power.

The investigation concludes that NATO, EU and Russia will seek a policy of accommodation as partners and rivals; will avoid any direct military confrontation, managing and restricting the number of regional conflicts in their spheres of influence, but will pragmatically co-operate in their security and energy policy if their vital interests are not threatened. If necessary, they will use coercive policies and the use of direct military force in the Newly Independent States.



Palavras-chave

- Ásia Central
- Conflito regional
- *Frozen conflict*
- EU
- Mar Cáspio
- OTAN
- Política energética
- Política de segurança
- Rússia



Lista de abreviaturas

ABM	- <i>Anti-Ballistic Missile Treaty</i>
ADM	- Armas de Destruição Maciça
BLACKSEAFOR	- <i>Black Sea Naval Cooperation Task Group</i>
BTC	- Bacu-Tbilissi-Ceyhan
BTE	- Bacu-Tbilissi-Erzurum
CFE	- <i>Treaty on Conventional Armed Forces in Europe</i>
CIS	- <i>Commonwealth of Independent States</i>
CPOG	- Curso de Promoção a Oficial General
CSTO	- <i>Collective Security Treaty Organization</i>
EUA	- Estados Unidos da América
FCE	- Forças Convencionais na Europa
GN	- Gás Natural
GNL	- Gás Natural Liquefeito
GUAM	- <i>Organization for Democracy and Economic Development</i>
HRW	- <i>Human Rights Watch</i>
IESM	- Instituto de Ensino Superior Militar
INF	- <i>Intermediate Range Nuclear Forces Treaty</i>
NIS	- <i>Newly Independent States</i>
NRC	- <i>NATO-Russia Council</i>
ONU	- Organização das Nações Unidas
OSCE	- <i>Organization for Security and Cooperation in Europe</i>
OTAN	- Organização do Tratado do Atlântico Norte
PNB	- Produto Nacional Bruto
PJC	- <i>Russia Permanent Joint Council</i>
SCO	- <i>Shanghai Cooperation Organization</i>
PCA	- <i>Partnership and Cooperation Agreement</i>
PKK	- <i>Parti Karkerani Kurdistan</i>
TII	- Trabalho de Investigação Individual
UE	- União Europeia
URSS	- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas



WMD

- *Weapons of Mass Destruction*



We have no eternal allies and we have no perpetual enemies. Our interests are eternal and perpetual, and those interests it is our duty to follow.

Lord Palmerston, 1848

1. Introdução

a. Introdução ao tema. Justificação

Com o fim da guerra fria o observador, menos atento, seria tentado a acreditar que os conflitos regionais se reduziriam pelo facto de não haver motivos para o Ocidente e o bloco do Leste se digladiarem indirectamente através da instrumentalização desses conflitos. Os dois pólos dos ex-blocos Ocidental e Oriental, os Estados Unidos da América (EUA) e a Rússia encetariam, assim, uma estreita colaboração tendente a despoletar qualquer conflito. Uma convicção reforçada pelo facto de permanecer a possibilidade de, num conflito regional, qualquer dos actores poder utilizar armas de destruição maciça (ADM). Contudo, tal não aconteceu. Por isso, importa, face ao deflagrar de novos conflitos regionais tentar identificar quais os seus efeitos no relacionamento entre a Rússia e duas organizações fulcrais na representação política e militar do Ocidente, a União Europeia (UE) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

b. Objecto de estudo e sua delimitação

Este trabalho tem como objecto o estudo dos mais recentes conflitos regionais, sua caracterização (origens, objectivos, localização geográfica), a atitude da OTAN, UE e Rússia perante os mesmos, e o impacto nas relações entre estas entidades.

Tendo em conta o tema do trabalho e a sua relevância face à actualidade optou-se por centrar a atenção sobre os países emergentes da implosão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

c. Objectivos

Com esta investigação pretende-se atingir os seguintes objectivos:

- Identificar os factores que actualmente mais condicionam o relacionamento entre a OTAN, UE e Rússia;
- Referenciar os conflitos regionais com maior impacto na OTAN, UE e Rússia;



- ❑ Caracterizar os principais actores externos nessas regiões de conflito que podem afectar as relações entre a OTAN, UE e Rússia;
- ❑ Avaliar a possibilidade da existência de um padrão de interacção entre os actores externos referidos, perante um conflito regional onde participem conjunta ou isoladamente, ou onde exerçam influência indirecta;
- ❑ Formular uma prospectiva da evolução nas relações entre a OTAN, UE e Rússia face à deflagração de novos conflitos regionais;
- ❑ Contribuir com reflexões para uma política de segurança da OTAN e energética da UE preparada para responder à ocorrência de conflitos regionais. Neste ponto, analisar-se-á em particular o caso português.

d. Metodologia

Uma vez definido o tema tornou-se necessário formular uma questão cuja resposta permitisse atingir os objectivos delineados. A questão central, segundo a qual se orientou a investigação, é a seguinte:

“Quais as perspectivas de evolução das relações entre a OTAN, UE e Rússia face à possível deflagração de Conflitos Regionais nos Newly Independent States?”

A partir desta colocaram-se as seguintes questões derivadas (Q):

Q₁ Quais os factores que actualmente mais condicionam as relações entre a OTAN, UE e a Rússia?

Q₂ Onde poderão ocorrer os conflitos regionais que mais afectam as relações entre a OTAN, UE e a Rússia?

Q₃ Que outros actores externos nessas regiões podem interferir nas relações entre a OTAN, UE e Rússia?

Q₄ Quais os conflitos regionais pós URSS que afectam e permitem caracterizar as relações entre a OTAN, UE e a Rússia?

Q₅ Quais as perspectivas de evolução das relações da OTAN, UE e Rússia?

No sentido de responder às questões apresentadas, levantaram-se as seguintes hipóteses de trabalho (H) cuja validade será avaliada durante a investigação:

H_{1a} O alargamento da OTAN a Leste constitui uma mudança significativa na situação geopolítica na Europa com influência decisiva nas zonas de conflito.

H_{1b} As fontes energéticas da região do Mar Cáspio e da Ásia Central têm importância vital para os seus detentores.



H_{1c} Perante a inexistência de uma política energética comum na UE, desenvolveu-se nos Estados-membros, e face à Rússia, uma interdependência assimétrica em petróleo e gás natural.

H₂ Os conflitos tenderão a ocorrer nos NIS, com maior probabilidade nas regiões dos frozen conflicts.

H₃ O equilíbrio geopolítico do Cáucaso do Sul, e da Ásia Central, pode ser alterado pela interferência de outros actores externos (potências locais e organizações internacionais).

H₄ Pode definir-se um padrão no relacionamento da OTAN, UE e Rússia nos conflitos regionais avaliados.

H₅ A continuação da dependência do petróleo e do gás natural russo dos países membros da OTAN e UE, associada à ocorrência de conflitos regionais continuará a condicionar as relações entre a OTAN, UE e Rússia.

e. Estrutura e conteúdo

No capítulo 1 apresenta-se o tema a investigar e quais os procedimentos metodológicos seguidos.

No segundo capítulo, caracterizam-se os conflitos regionais e quais os prováveis locais de ocorrência de modo a permitir uma sistematização subsequente na análise a fazer.

No terceiro capítulo refere-se os principais actores deste estudo, no contexto internacional, analisando as suas inter-relações.

No capítulo seguinte parte-se para um estudo de casos práticos retirando ensinamentos que permitam, no quinto, perspectivar comportamentos em cenários futuros e fornecer contributos para a reformulação da política de segurança e energética.

Por fim, no sexto e último, sumarizam-se as conclusões obtidas ao longo do processo da investigação e responde-se à questão central levantada.

2. Os conflitos regionais

O termo conflito tem sido utilizado com acepções diferentes, mesmo em organizações que lidam com este tipo de acontecimento. Torna-se pois necessário estabelecer um conceito operativo e uma tipificação dos conflitos que permita sistematizar a abordagem posterior sobre o seu impacto nas relações entre os actores mencionados.



a. Conflito

Considera-se que existe conflito quando se verificar uma disputa entre actores do sistema político internacional, resultante da divergência de interesses e a ameaça do recurso à força ou o seu uso estiver presente como meio de resolução. Nesta acepção, enquanto não se verificar o emprego da força, ou a ameaça iminente da sua utilização, estamos perante um potencial conflito. Assim, poderemos identificar zonas ou regiões de tensão onde se verifica uma maior possibilidade de deflagrarem conflitos. Esses conflitos tendem a ser classificados de acordo com a natureza da sua origem, reflectindo as suas causas principais. Temos assim conflitos denominados de étnicos, religiosos, territoriais, políticos ou mesmo sobre recursos.

Independentemente da classificação é, no nosso entender, importante ter uma percepção quanto ao:

- Tempo, em que ocorre (oportunidade) e duração;
- Espaço, extensão física e local;
- Actores, locais e externos; e,
- Efeitos, nos actores e em outros factores geopolíticos.

A classificação que relaciona a origem e dimensão geográfica, global ou regional, apresenta um interesse particular por introduzir uma restrição fundamental para este estudo. Só consideraremos como conflito regional o conflito inter-Estado ou que sendo intra-Estados, pelo seu objectivo independentista ou irredentista poderá ter um efeito importante na cena internacional.

b. Conflitos regionais e esferas de influência

Os conflitos regionais devem ser observados criticamente, do ponto de vista da ingerência externa, sobre duas perspectivas que ajudam a interpretar o fenómeno:

A primeira, em que os conflitos regionais ocorrem sem intervenção ou pressão externas. Da eclosão do conflito irradiam ou não consequências, de cooperação ou de antagonismo, nas relações de terceiros Estados ou outras entidades. Neste caso não há interferência directa de um actor externo (e.g. OTAN, UE ou Rússia) que provoque o conflito, embora aqueles actores possam vir a ter um papel subsequente. Exemplo demonstrativo foi a situação no Ruanda onde a Comunidade Internacional pecou pela omissão. A intervenção de uma pequena força militar poderia ter evitado o genocídio (Kissinger, 2003:195).



A segunda, em que os conflitos regionais resultam da intervenção externa de potências (globais e regionais) que promoveram explícita ou clandestinamente esses conflitos. Aqui verifica-se a utilização do conflito regional como instrumento político-estratégico, como meio de acção por razões geopolíticas. Essa desestabilização induzida do exterior tenderá a revelar-se mais activa quando um ou mais actores procurarem interferir ou invadir a esfera de influência de outro ou outros. O esforço desenvolvido pela Rússia sobre países ex-membros da URSS¹, em particular sobre os do Mar Báltico, Cáucaso e Ásia Central, reflecte a preocupação em manter uma predominância política, económica e militar nessas regiões face ao avanço da UE e da OTAN. A Transnistria é um exemplo da interferência Russa para manter o domínio sobre a Moldávia.

c. Zonas ou áreas de tensão

As zonas ou áreas de tensão onde existe maior possibilidade de ocorrerem conflitos são aquelas onde se situam os denominados *frozen conflicts*², isto é, onde subsistem conflitos ainda não “resolvidos” ou que foram “mal” resolvidos. Os *frozen conflicts* ocorrem após a vitória militar da parte secessionista que obtém sucesso no estabelecimento *de facto* de estruturas estatais, sem estas serem reconhecidas pela parte derrotada nem pela comunidade internacional (Nodia, 2004: 1). No entanto, o conceito tem vindo a ser alargado procurando englobar casos em que não tendo havido conflito armado, este, está latente face às aspirações secessionista. Nos novos países surgidos da extinção da URSS e na própria Rússia, a multiplicidade de etnias, culturas, diversidade religiosa com minorias significativas e, nalguns, com um historial de violência, é fácil encontrar ou provocar a formação de zonas de tensão.

3. O papel da OTAN, EU e Rússia no contexto internacional

Neste mundo globalizado e mutável em que inúmeros actores se interligam numa contínua teia de relações, importa identificar quais os factores mais relevantes que agem influenciando o relacionamento entre os três actores principais deste estudo. Para tal temos que analisar, ainda que sucintamente, quais os antecedentes próximos, políticos, estratégico e económicos geradores da situação actual.

¹ Está explícito no Conceito de Política Externa da Rússia, de 30 Julho de 2000, a necessidade de dominar os países vizinhos (Cohen, 2001: 9).

² Normalmente esta expressão é utilizada para os conflitos da Abecázia, Ossétia do Sul, Nagorno Karabakh e Transnistria, os *four frozen*.



A partir de 1989 e durante uma década assistiu-se, na Europa, a uma rápida progressão da influência ocidental a Este, através do alargamento da OTAN e da extensão da UE. Tal coincidiu, naturalmente, com o declínio da Rússia, sendo mesmo 1999 considerado o seu *annus horribilis* (Moller, 2000: 65) face à sua impotência na crise do Kosovo, ao seu isolamento na Cimeira da OTAN, em Istambul., e à aprovação do novo conceito estratégico pela OTAN permitindo operações militares *out of area*.

Nos 10 anos seguintes, a recuperação económica da Rússia, a guerra no Afeganistão e no Iraque, a progressiva dependência energética da Europa para com a Rússia, a adesão da Roménia e da Bulgária à UE e a intenção dos EUA em colocarem sistemas de mísseis na Europa Oriental são alguns dos factores determinantes nas relações entre estes actores.

Face a este contexto geral uma primeira questão se nos coloca:

QUESTÃO DERIVADA

Q₁ Quais os factores que actualmente mais condicionam as relações entre a OTAN-UE e a Rússia?

Neste capítulo focaremos a atenção em dois factores que, no nosso entender, afectam o aparecimento e evolução de conflitos regionais com impacto na OTAN, UE e Rússia. Assim, consideramos a “NATOization” (Trenin, 2008: 4) dos actores, traduzida na rápida aproximação das fronteiras da OTAN a Moscovo e, a política energética face ao previsível aumento das necessidades mundiais em petróleo e gás natural (Cohen, 2007: 10). Através do levantamento de hipóteses e da análise da política prosseguida pelos actores, verificaremos se os factores ora apontados são vectores que enformam as suas políticas e determinam as suas relações.

a. OTAN

A evolução da OTAN espelhou sempre as transformações que foram ocorrendo na relação atlântica. A Aliança desenvolveu-se numa matriz de confronto em oposição à ameaça soviética. Este confronto só poderia ser bem sucedido através de um esforço conjunto dos EUA e da Europa Ocidental, conjugando os interesses nacionais em prol da segurança e defesa comuns.

Com o fim da Guerra Fria e o posterior desaparecimento da ameaça soviética colocou-se a questão de saber se a OTAN, como aliança defensiva, era ainda necessária (Feffer, 1996: 2). Assumido um novo conceito estratégico, prolongada a vida útil da organização, ressurgia uma nova dificuldade sobre o que fazer à Rússia? Tendo-lhe sido negada a possibilidade de entrada plena, Gorbachev levantou por três vezes essa hipótese em 1990 (Baker III, 2002:102), acabou por funcionar alternativamente o *Partnership for*



Peace (PfP) ¹, mais concretamente o *Russia Permanent Joint Council* (PJC), substituído em 2002 pelo *NATO-Russia Council* (NRC), que não é mais do que um mecanismo de cooperação sem voz nas decisões da Aliança. Efectivamente, a Rússia nunca solicitou formalmente a sua entrada na OTAN, essa possibilidade foi levantada mas não foi prosseguida (Lyne, 2008: 3). A Rússia, no início, também não se opôs a uma maior integração política e económica dos países pós comunistas no Ocidente, assumindo que se manteria uma faixa de Estados, não alinhados, nas suas fronteiras e que, face a uma possível entrada na OTAN ganharia, de facto, a vice-presidência (Trenin, 2008: 5). É agora oportuno colocar a primeira hipótese que associa a expansão da OTAN à alteração da geopolítica da Europa e à conflitualidade regional.

HIPÓTESE

H_{1a} O alargamento da OTAN a Leste constitui uma mudança significativa na situação geopolítica na Europa com influência decisiva nas zonas de conflito.

A rápida expansão e integração de membros do extinto Pacto de Varsóvia nas estruturas Euro-Atlânticas é interpretada, pela Rússia, como uma ameaça (Blank, 2000: 15), pelo cerco geopolítico *de facto* realizado (Granger, 2007: 2), reforçando a percepção que a OTAN é um instrumento estratégico dos EUA. Num documento datado de Novembro de 1993, Primakov² refere que a expansão da OTAN acarretaria uma drástica revisão no conceito de defesa da Rússia pela ameaça que tal representaria para os seus interesses vitais (Tür, 2000: 21). Os bombardeamentos efectuados, pela OTAN, no Kosovo sobre as forças Sérvias, sem mandato da ONU³, foram, para a Rússia, um forte sinal que a Aliança não é apenas uma organização defensiva mas também anti-russa. Esta visão é agravada pela tendência russa em considerarem a OTAN como rival da *Collective Security Treaty Organization*⁴ (CSTO). Assim, não se deve dissociar as relações EUA-Rússia do desenvolvimento do relacionamento entre a Rússia e a OTAN a UE. Segundo Kissinger a razão para se integrar a Polónia, a Hungria e a República Checa na OTAN era a de eliminar o vazio estratégico na Europa Central que, no século XX, fora o responsável pelo expansionismo alemão e russo (Kissinger, 2003: 37). No entanto, essa aproximação de

¹ A Parceria para a Paz (Partnership for Peace - PfP) é um programa de cooperação bilateral entre países Parceiros individualmente com a OTAN. Permite aos países construírem uma relação individual com a OTAN, seleccionando as suas prioridades para a cooperação. (Tradução livre do autor, in NATO Topics: The Partnership for Peace. Disponível na internet em: <http://www.nato.int/issues/pfp/index.html>).

² Chefe do Serviço de Informações Externo da Rússia (Foreign Intelligence Service-FIS).

³ Os bombardeamentos têm início a 24 de Março de 1999 e a Resolução 1244 do Conselho de Segurança da ONU é datada de 10 de Junho.

⁴ A Organização do Tratado de Segurança Colectiva foi criada sob a égide da Comunidade de Estados Independentes tendo como finalidade constituir-se como uma aliança de defesa mútua entre a Rússia, Bielorrússia, Arménia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão.



infra-estruturas da OTAN das fronteiras russas aumenta as suas capacidades de combate, o que a Rússia considera preocupante do ponto de vista estratégico (Blank, 2000:16-17). Os NIS tornam-se assim o palco preferencial de competição hegemónica entre os três actores. De referir ainda que a aprovação pela OTAN, em 26 de Abril de 1999, do novo conceito estratégico que passou a permitir o emprego das suas forças para além das fronteiras dos países membros, abrindo a porta à intervenção em conflitos étnicos, só veio desenvolver ou reforçar a hostilidade à OTAN na Rússia. Se atentarmos no xadrez étnico, cultural e religioso da Rússia e outras repúblicas ex-soviéticas, e nos interesses russos nesses países, apercebemo-nos da potencial instrumentalização de aspirações separatistas e da inevitabilidade da emergência ou recrudescência de conflitos latentes.

Não obstante as divergências geopolíticas, a cooperação também se desenvolveu, mais concretamente na luta contra o terrorismo e crime organizado, e em políticas visando a não proliferação de *Weapons of Mass Destruction* (WMD). A expansão da OTAN a Leste não a aproximou apenas das fronteiras russas, tornou-a num actor imprescindível no combate a ameaças comuns, como o da expansão do fundamentalismo islâmico na Ásia Central.

Validada que foi a primeira hipótese de trabalho, urge agora levantar uma segunda.

HIPÓTESE

H_{1b} As fontes energéticas da região do Mar Cáspio e da Ásia Central têm importância vital para os seus detentores.

Concorrentemente com a expansão da OTAN o Ocidente desenvolveu uma estratégia de diversificação das fontes energéticas e do transporte desses recursos. O objectivo foi, e é, reduzir a dependência do petróleo do Golfo, no caso dos EUA, ou do petróleo e gás da Rússia, da parte de alguns países europeus. A perspectiva do acréscimo da procura em função das necessidades crescentes das potências emergentes, caso da China e da Índia, só atenuadas pela crise financeira actual, torna agora mais urgente garantir a concretização daquele objectivo. Assim, o controlo e a segurança das fontes e transporte de petróleo passam a ser de interesse vital para todas as potências e, em particular, para os EUA (e para a UE), especialmente no respeitante ao Cáucaso do Sul e Ásia Central. A política de ligar os três mares - Cáspio, Negro e Mediterrâneo - estabelecendo um corredor energético Este-Oeste, envolve e interfere com interesses económicos e introduz alterações geopolíticas no Cáucaso do Sul e Ásia Central. Para a OTAN e UE a presença de forças e os investimentos na região possibilitam, através do desenvolvimento e modernização,



apoio à luta contra a expansão do fundamentalismo islâmico e o combate ao terrorismo, para além de criar oportunidades à obtenção de rendimentos vultuosos. Para a Rússia a reocupação tem também objectivos geopolíticos (reduzir a influência política, militar e cultural do Ocidente, mais especificamente dos EUA; controlar as fontes energéticas e o transporte e distribuição da energia como “arma estratégica” para pressionar países da UE; condicionar a expansão do radicalismo islâmico na sua fronteira Sul¹). Somam-se os económicos como a obtenção de rendimentos do petróleo e do gás. Ao recrudescimento de conflitos regionais no espaço pós soviético desta região não é certamente alheia a reacção russa. A Rússia, fora da OTAN, tenderá a ser expansionista (Baker, 2002:99) procurando recuperar o seu espaço “imperial” e redesenhar as suas fronteiras pelas da URSS (Cohen, 2008: 2).

b. UE

Analisemos a evolução do relacionamento da UE com a Rússia. A expansão da UE para Leste não foi inicialmente considerada como uma ameaça ou um cerco à Rússia. Esta sempre soube que, sem uma política efectiva comum, a nível externo e na defesa, a UE está limitada como interlocutor estratégico. Essa fragilidade associada ao predomínio das políticas nacionais dos Estados membros tem enfraquecido a capacidade negocial da UE (Garibaldi, 2008: 4) e facilitado o sucesso da política bilateral seguida pela Rússia. Interessa examinar que tipo de dependência se desenvolveu entre a UE e a Rússia.

HIPÓTESE

H_{1c} *Perante a inexistência de uma política energética comum na UE, desenvolveu-se nos Estados-membros, e face à Rússia, uma interdependência assimétrica em petróleo e gás natural.*

No campo energético tem havido uma progressiva dependência, variável conforme os países, do gás e petróleo russo que a Rússia tem utilizado como “arma estratégica”, em especial sobre o seu estrangeiro próximo. No entanto, também a Rússia depende das exportações energéticas para a Europa, o gás russo corresponde a 25% das necessidades da UE enquanto para a Rússia corresponde a 70% das suas vendas (Leonard, 2007: 8). Esta desconfiança mútua tem originado um esforço na diversificação das fontes (UE) e dos mercados (Rússia). Assim, resta avaliar se, num futuro próximo, a Rússia ainda estará em condições para satisfazer parte significativa das necessidades europeias e dos contratos já assinados. Será desejável que a UE negocie a uma só voz (Monaghanl, 2005: 5). A desunião, verificada na EU, é particularmente evidente na prioridade estabelecida pela Alemanha no relacionamento estável com a Rússia sobre a construção do gasoduto *Nord*

¹ Mais precisamente nos Estados da sua fronteira Sul, o *soft belly* da Rússia.



Stream (Delory, 2007: 661) em detrimento dos interesses de outros parceiros europeus fazendo, prevalecer um bilateralismo contrário às prioridades da UE e afectando principalmente os países Bálticos, a Bielorrússia e a Ucrânia (Larsson, 2007: 6). Esta questão energética levou a UE a valorizar a importância do Cáucaso do Sul para assegurar a obtenção e transporte do gás e petróleo Cáspio, através do oleoduto Bacu-Tbilissi-Ceyhan (BTC) e gasoduto Bacu-Tbilissi-Erzurum (BTE). Alguns dos actores regionais (Geórgia, Azerbaijão, Turquia, Cazaquistão) e externos (UE, EUA, China) procuram negar à Rússia a situação de quase monopólio que ainda detém. Para manter essa hegemonia a Rússia tem praticado uma política sistemática coerciva bilateral (Leonard, 2007:15) e optado pela manipulação dos conflitos regionais (Cohen, 2000: 14) – incitamento ao conflito inter-étnico, encorajamento do separatismo e ameaças (Rywkin, 2003:6). - com um consequente agravamento das suas relações com o Ocidente. A vulnerabilidade a actos terroristas ou a acções militares sobre as infra-estruturas energéticas do corredor, que atravessa zonas instáveis e terreno difícil, imporá uma política de segurança energética activa. Importará saber, no âmbito das acções militares, até onde irão a UE e a OTAN, ou os EUA, para protegerem aquelas infra-estruturas (Sander, 2006: 4). De salientar que a Rússia não ratificou a Carta da Energia, fundamentalmente devido a não querer permitir o controlo ou acesso sobre o trânsito energético, e pretender continuar a praticar uma política de baixo preço do gás doméstico (Kolchin, 2006).

Se a Rússia ganhar a “guerra energética” na região do Mar Cáspio, quer por acção directa sobre países emergentes da URSS quer através de empresas russas ou dominadas por capitais russos, e monopolizar as estruturas de trânsito dos recursos energéticos do Mar Cáspio, o Ocidente Europeu ficará muito dependente nos próximos 5 anos. A diversificação das fontes energéticas não é imediata, acrescida da dificuldade da instabilidade induzida que poderá vir a ocorrer nas fontes actuais, nomeadamente no Golfo, nos *choke points* ou nas estruturas de transporte que, pela sua extrema vulnerabilidade, se poderão constituir como verdadeiros *choke points* (tradicionalis).

A interdependência desenvolvida é assimétrica não só em termos de “estatísticas” mas notoriamente nos seus efeitos como consequência de uma possível crise. Para a UE, dificuldades a nível energético afectam grandemente o nível de vida dos seus nacionais. Para a Rússia, tendo em atenção o seu grau de desenvolvimento e o facto de ser um Estado com governo autocrático, o impacto negativo da falta de receitas e do investimento estrangeiro seria, apesar de tudo, mais fácil de gerir.



c. Rússia

A Rússia tem tirado partido da conjuntura mundial no campo energético para se reafirmar no sistema político internacional. A orientação geral do seu esforço tem sido o de procurar contrariar a progressão da OTAN e controlar os recursos energéticos, consciente da importância destes para o desenvolvimento do Ocidente e das novas potências emergentes. A sensação de cerco (Kissinger, 2008b: 1) a que parece estar sujeita, leva-a a assumir uma política exterior muito ofensiva. Neste sentido, parece ser adequado formular um segunda questão que permitirá tentar localizar o deflagrar de potenciais conflitos regionais.

QUESTÃO DERIVADA

Q₂ Onde poderão ocorrer os conflitos regionais que mais afectam as relações entre a OTAN-UE e a Rússia?

Em relação ao Ocidente verifica-se o desrespeito por compromissos assumidos no campo económico, a subalternização dos valores democráticos a uma concepção de poder mais personalizado e centralizado, e uma declarada intenção de interferência nos países pós-comunistas fronteiras à Rússia em prol dos seus interesses e da “protecção” de minorias russas aí existentes. As questões mais tensas situam-se a nível da independência do Kosovo, da Abecázia e da Ossétia do Sul (Evans, 2008: 2) do projecto americano de um escudo anti-míssil a colocar na Europa e do projecto nuclear iraniano (Boniface, 2008: 523). A suspensão russa do tratado sobre as Forças Convencionais na Europa (FCE) é resultado de um endurecimento face à evolução do ambiente internacional, nomeadamente a decisão americana já enunciada sobre o sistema anti-míssil na Europa (Delcourt, 2008: 10).

A Rússia no Cáucaso do Sul tem procurado manter uma posição hegemónica (Goncharenko, 2005?: 4) e pretende controlar o fluxo energético para a Europa. Este objectivo choca directamente com os interesses dos EUA, da UE e da Turquia para a região, criando situações de tensão (Cornell C Consulting, 2002: 15). A interferência nos governos dos países da área e nos conflitos regionais (Ciobanu, 2004: 11) e a utilização de meios diplomáticos, militares e de segurança energética revelam a importância atribuída por Moscovo a este assunto. A sua actuação na Geórgia, para além do efeito dissuasor sobre a Ucrânia, demonstra também a preocupação russa sobre o efeito dominó que a adesão da Geórgia à OTAN e UE teria no Azerbaijão e na Arménia (Haas, 2006b: 51).

As relações entre a Rússia e a Polónia, no âmbito energético, poderão vir a deteriorar-se devido ao gasoduto *Nord Stream* a construir no Mar Báltico ligando a Rússia à Alemanha. A construção deste gasoduto permite também dotar os russos com



plataformas que possibilitam aumentar a sua capacidade de vigilância e de presença militar neste mar estratégico (Belkin, 2008:4). Se a Rússia vender gás do “corredor” polaco a outros fornecedores, forçará a Polónia a adquirir à Alemanha por um preço superior (Saunders, 2008: 6). Tendo em conta este contexto de interesses divergentes e ambiente agressivo, parece ser adequado enunciar a seguinte hipótese:

HIPÓTESE

H₂ Os conflitos tenderão a ocorrer nos NIS, com maior probabilidade nas regiões dos *frozen conflicts*.

A interferência da Rússia reflecte a consecução da prática política na sua esfera ou zona de influência. Assim, gere, desencadeia ou “congela” os conflitos regionais (Goncharenko, 2005?:7; Cohen, 2000:14; Socor, 2004), jogando com o mosaico étnico e cultural e com ressentimentos históricos ou reivindicações territoriais, adiando a sua resolução¹. Para Moscovo o alargamento da OTAN e da UE terá provocado a reacção de “reacender” conflitos regionais. O caso da Geórgia é um exemplo, registando-se a partir de Fevereiro de 2008, um recrudescimento da instabilidade (Markedenov, 2008:7). Provavelmente alguns destes conflitos já estariam solucionados não fora a ligação à Rússia. O Ocidente, e em particular a UE, poderá pressionar ou acomodar algumas soluções numa perspectiva de garantir a segurança e estabilidade de determinada região. A crise desencadeada na Geórgia em duas províncias pró Moscovo são um alerta claro sobre a possibilidade da escalada de instabilidade na Transnistria e no Nagarno-Karabakh. Concorrentemente assiste-se à agudização das relações russas com o Ocidente no caso da Ucrânia face à possibilidade do seu desmembramento, da secessão da Crimeia, e da sua intenção de se integrar na OTAN ou ainda da sua recusa no prolongamento, para além de 2017, da permanência em Sebastopol da Esquadra Russa do Mar Negro (Weitz, 2008:2). Atente-se na afirmação de Sergei Karaganov², pouco antes do reconhecimento da independência do Kosovo por alguns países, que se deveria admitir a possibilidade de reconhecimento de outras ex-regiões da URSS como estados independentes, não aceitando como inquestionável que a decomposição da União Soviética se efectuasse apenas em 15 Estados (Vlassov, 2008: 2), traduzindo uma visão realista para uma recomposição de fronteiras de acordo com os interesses russos. Karaganov referia-se aos *unrecognized states*, e.g. Abecázia. No entanto, e aplicando a mesma lógica, a existência na Rússia de linhas de fractura étnicas e religiosas também poderão ser exploradas pelo Ocidente, em particular pelos EUA na concretização dos seus objectivos políticos (Gvosdev, 2008: 5),

¹ “A chave para o problema da Abecázia reside na URSS”, 1993, Boutrus Boutrus Gali in (Cohen, 2000: 6).

² Cientista político russo, sub-director do Instituto da Europa da Academia Russa de Ciências.



dando origem, ou provocando, o renascer de conflitos latentes.

Assim, é nos NIS e particularmente nas regiões onde existem os denominados *frozen conflicts* que se verifica a maior probabilidade de ocorrência de conflitos regionais com impacto no relacionamento entre a Rússia e a UE ou OTAN. Assim sendo, quer nos *frozen conflicts* e noutros que ocorram na sua esfera de influência, a sua resolução passa pela intervenção da Rússia (Gegeshidze, 2008: 12; Ciobanu, 2004: 24). A afirmação de Medvedev sobre os interesses privilegiados da Rússia sobre algumas regiões e o seu historial de interferências denunciam a intenção de aí assumirem um maior protagonismo. Nalguns novos países o poder está intimamente ligado ao factor pessoal ou classe dirigente (Leonard, 2007: 8) que o podem perder com a resolução do conflito (Ciobanu, 2004: 19) ou com a democratização da sociedade. Cabe aqui referir que existência destes conflitos latentes, nos NIS ou mesmo na esfera de influência russa, deve constituir uma oportunidade para a UE se procurar afirmar como interlocutor estratégico. A UE poderá capitalizar mais na prevenção e resolução de conflitos, nomeadamente na Ásia Central e no Cáucaso do Sul, desde que haja verdadeiramente vontade política comum dos seus estados-membros. A UE, tem participado na resolução de outros conflitos regionais possuindo já experiência¹ na resolução de conflitos etno-secessionistas (Emerson, 2004).

d. Outros actores internacionais

A OTAN, a EU e a Rússia não são os únicos actores capazes de interferir nas regiões dos *frozen conflicts*. Desta percepção decorre a seguinte questão:

QUESTÃO DERIVADA

Q₃ Que outros actores externos nessas regiões podem interferir nas relações entre a OTAN-UE e a Rússia?

Para encontrar uma resposta vamos analisar outros actores, países e organizações, tentando aquilatar se, com a sua intervenção, podem alterar a relação de poder actualmente existente nas regiões dos *frozen conflicts*. Face ao peso e à presença, os EUA são abordados independentemente da OTAN e conjuntamente com outros actores. Para efectuarmos essa análise enunciámos a hipótese:

HIPÓTESE

H₃ O equilíbrio geopolítico do Cáucaso do Sul, e da Ásia Central, pode ser alterado pela interferência de outros actores externos (potências locais e organizações internacionais).

Os EUA, única potência verdadeiramente internacional (Boniface, 1995:194), no sentido global, exercem uma iniludível influência na opção da OTAN em progredir para Este. Concorrentemente, os esforços dos EUA em retirarem a hegemonia russa do Cáucaso

¹Vide fig 3 no Anexo 1.



do Sul e da Ásia Central, por razões estratégicas e por procurarem diversificar as suas fontes energéticas, aumentará a competição entre os dois países. Uma maior cooperação a Ocidente, em particular entre os EUA e os Estados da região pode conduzir a um aumento de tensão regional (Weiss, 2008: 4). A não cooperação, em particular com os EUA, também altera o equilíbrio e as relações. Um bom exemplo é a recusa do Quirguistão em permitir a utilização americana da base de Manas, cedendo-a aos russos. Essa decisão vai afectar as acções militares no Afeganistão e fortalecer a posição negocial russa face aos EUA.

A China, Índia e Japão pretendem afirmar-se como potências regionais e mesmo a nível global. Para prosseguirem o desenvolvimento precisam de ter acesso a matérias-primas e, sobretudo, a fontes energéticas. A competição entre a China e o Japão pelo petróleo do Golfo Pérsico e da Rússia será muito forte face às necessidades previstas. Quer a China, com um poder naval crescente, quer o Japão, procurarão controlar os *choke points*, no caso concreto o estreito de Malaca e de Sunda. Nesta disputa terá de se tomar em conta o poder naval da Índia¹, já que também estará envolvida na corrida energética. A segurança dos abastecimentos beneficiaria da cooperação destes três Estados numa política energética orientada para a estabilidade dos mercados (Linde, 2004: 10-25). A Rússia prevê que antes de 15-20 anos a China não será uma ameaça nem se constituirá num competidor estratégico, procurando assumir o papel de árbitro independente entre os EUA e a China (Trenin, 2007: 47). O instrumento utilizado pela Rússia para desenvolver uma política de segurança energética mais activa no Cáucaso do Sul e no Mar Cáspio (Haas, 2006b: 2) será a CSTO, tentando concretizar dois objectivos principais, institucionalizar a sua influência e promover, nos estados da região, um sentimento de soberania partilhada por pertencerem a uma instituição colectiva (Granger, 2008:4). A decisão tomada na Cimeira em Moscovo em 4 de Fevereiro de 2009 de constituir Forças Colectivas de Reacção Rápida são um sinal da pretensão russa em se constituir no líder do bloco político militar na Eurásia (Socor, 2009). O facto de também pertencer à *Shanghai Cooperation Organization (SCO)*² poderá permitir uma coordenação de políticas para sustentar a influência americana na região ou, ter um efeito catalizador na estabilidade e segurança no caso de um acordo e acomodação de políticas entre os EUA e a Rússia. A SCO, na prática liderada

¹ A Índia está a aumentar a sua capacidade de projecção estratégica através da aquisição de dois submarinos de propulsão nuclear, oito aviões de reconhecimento Boeing P-81 e um navio anfíbio com doca (LPD) (Jane's Defence Weekly Volume 46, Issue 3, 21January2009, pg26).

² A Organização de Cooperação de Xangai é constituída pela China, Rússia, Bielorrússia, Arménia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão tem por finalidade a cooperação no âmbito do estabelecimento de medidas de confiança nas fronteiras, na segurança, na economia e no comércio.



pela China e pela Rússia, compreendendo grande parte do território da Ásia Central¹, cerca de metade da população mundial e quatro potências nucleares, procurará ganhar um elevado peso específico na comunidade internacional. Contudo, a falta de outros objectivos comuns para além do anti-americanismo poderá vir a provocar a sua desagregação ou a sua ineficácia político-estratégica (Haas, 2006a: 52-53). Embora não haja contactos directos entre os EUA, a OTAN, a SCO e a CSTO (Granger, 2007:4), não é de excluir que tal se venha a concretizar, em particular via OTAN, tendo em conta a luta anti-terrorista e contra a proliferação das WMD.

A Turquia tem procurado ganhar ascendência na região através da aproximação à Arménia podendo alterar completamente o equilíbrio de forças. A recusa em deixar passar o navio americano para a Geórgia na “guerra dos cinco dias” e a aproximação à Rússia, mesmo sabendo que é a maior rival no Cáucaso e no Mar Negro, é revelador de uma nova dinâmica na sua política externa. De facto, tem sabido manobrar entre Moscovo, Washington e Bruxelas, libertando-se da pressão Ocidental e de um islão politizado, ganhando simultaneamente uma “causa” unificadora nacional catalizadora na ascensão a potência regional (Marltirosyan, 2008:4).

A *Organization for Democracy and Economic Development* (GUAM) formada pela Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia está orientada para a cooperação económica e, em particular, para desenvolver uma alternativa ao petróleo e gás russos (Haas, 2006a: 44). Vista pela Rússia como uma organização anti-russa não tem conseguido ganhar influência regional. A sua eficácia em resolver os *frozen conflicts* ou evitar o seu *unfreezing* foi nula, não só devido à oposição russa mas também por ser ignorada por muitos países da OTAN e da UE. A pressão exercida pela Rússia sobre a Moldávia relativamente à Transnistria, poderá vir a provocar uma baixa na GUAM (Weitz, 2008:3) retirando-lhe, ainda mais, capacidade para se transformar efectivamente num actor estratégico.

A Organização das Nações Unidas (ONU) vê a sua capacidade de intervenção nos conflitos regionais coarctada porque está dependente da não utilização do poder de veto dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança para poder prosseguir com acções mais eficazes. A Rússia, os EUA e a China continuarão a optar por acções unilaterais sempre que não consigam garantir a não aplicação do “veto”. As acções desencadeadas pela OTAN, no Kosovo, na Primavera de 1999, são um bom exemplo e retiram peso à ONU no seio da comunidade internacional.

¹ Considerando os países membros e observadores.



Reflectindo sobre os exemplos apresentados verifica-se que nos *frozen conflicts* o “equilíbrio” de poderes é tão precário que o jogo de acordos e alianças entre actores externos regionais ou mesmo entre os vários países, não necessariamente potências locais ou regionais, pode alterar profundamente o equilíbrio geopolítico.

Como resposta global às três perguntas formuladas, após a validação das hipóteses com elas articuladas, apresentamos as seguintes conclusões:

CONCLUSÕES PARCELARES

1. O alargamento da OTAN é considerado pela Rússia como uma ameaça à sua segurança e interesses nacionais;
2. O petróleo e gás natural da região do Mar Cáspio e Ásia Central são fundamentais para a UE e para os EUA. Para a UE permite-lhe reduzir a dependência de alguns dos Estados-membros da energia russa e para os EUA possibilita a diversificação das suas fontes energéticas das do Golfo Pérsico;
3. A Rússia tentará controlar os *frozen conflicts* no seu processo de reconstituir a sua esfera de influência, sendo um actor fundamental para a resolução destes conflitos;
4. Outras potências regionais e locais, como a China, Índia, Japão, Turquia e Irão, e organizações internacionais, especialmente a CSTO e a SCO, poderão constituir um elemento de equilíbrio/desequilíbrio na competição entre a Rússia e os EUA pela influência no Cáucaso do Sul e na Ásia Central.

4. Análise de casos práticos

A fim de se poder elaborar prospectivas quanto às relações entre a OTAN, EU e a Rússia face à ocorrência de conflitos regionais tentaremos verificar quais os comportamentos destes actores noutros conflitos, procurando verificar se existe algum padrão ou tendência que possa ser extrapolado para situações futuras. Assim, a questão inicial desta análise é a seguinte:

QUESTÃO DERIVADA

Q₄ Quais os conflitos regionais pós URSS que afectam e permitem caracterizar as relações entre a OTAN-UE e a Rússia?

a. Critério

Dos conflitos regionais existentes à data do início deste trabalho seleccionámos os do Afeganistão, Kosovo e Geórgia.

No caso do Afeganistão trata-se de um conflito onde a participação da OTAN ocorre em resposta ao atentado terrorista às torres do World Trade Center em Nova Iorque.



Após a recusa dos Talibã em entregarem Osama Bin Laden, os EUA e os seus aliados iniciaram em Outubro de 2001 ataques aéreos que permitiram a conquista do poder pelas forças oponentes. Os conflitos ainda se mantêm com participação da OTAN e forças dos países membros da UE.

Quanto ao Kosovo o conflito insere-se na guerra da secessão da ex-Jugoslávia, iniciada em 1998 com a revolta dos albaneses do Kosovo contra os Sérvios. A intervenção da OTAN ocorre para suspender a limpeza étnica em curso levada a cabo pelas forças sérvias. O conflito acabou por culminar com a declaração de independência da maioria albanesa em 17 de Fevereiro de 2008.

No mais recente caso da Geórgia trata-se do conflito iniciado em Agosto de 2008 entre o governo e duas províncias separatistas, a Ossétia do Sul e a Abecázia. A intervenção da Rússia do lado dos separatistas foi determinante e levou à declaração de independência dessas províncias, só reconhecidas pela Rússia e pela Nicarágua.

A escolha destes conflitos resultou da aplicação do seguinte critério:

- O conflito não está resolvido, não há acordo de todas as partes e existe capacidade de uma ou várias das partes para a realização de operações militares;
- Desenrola-se em regiões de NIS ou na ex-esfera de influência da URSS;
- Ocorre em zonas de recursos energéticos ou que permitem controlar o trânsito energético;
- Coexistem interesses convergentes (e.g. combate ao terrorismo) e divergentes (e.g. hegemonia regional) da OTAN (em particular dos EUA), UE e Rússia;
- Verifica-se a participação militar directa de um ou mais países da OTAN, UE ou da Rússia;
- Afecta a segurança e estabilidade regionais e a ordem internacional.

b. Processo de análise

Estruturámos a análise estabelecendo cinco factores de estudo dos quais se procuraram retirar as consequências para a região em conflito e para as relações entre actores externos envolvidos. Conseguiu-se assim restringir as variáveis (factores) e uniformizar o processo de reflexão.



Tabela 1 – Factores para o Estudo de Casos Práticos

FACTORES DE ANÁLISE	
1. Conflitualidade	4. Actores (Presença) Externos
2. Segurança e Defesa	5. Viabilidade (Autonomia)
3. Situação Geopolítica	

CONSEQUÊNCIA
1. Para a Estabilidade regional
2. Efeito no relacionamento dos Actores Externos principais

Relativamente aos factores de análise (metodologia adaptada de Hunter 2007) apresentaremos um quadro resumo transferindo para o Apêndice 4 o estudo mais desenvolvido, de cada um deles.

Tabela 2 – Quadro Sinóptico dos Factores de Análise dos Casos Práticos

FACTORES	PAÍSES/REGIÃO	PAÍSES/REGIÃO			
		AFEGANIS TÃO	KOSOVO	ABECÁZIA GEÓRGIA	OSSÉTIA do SUL GEÓRGIA
Conflitualidade	Étnica	Sim	Sim	Sim	Sim
	Religiosa		Sim		
	Associada à Criminalidade	Sim	Sim	Sim	Sim
Segurança e Defesa	Terrorismo transnacional	Sim	--	--	--
	Narcotráfico	Sim	Sim	Sim	Sim
	Outra criminalidade organizada	Sim	Sim	Sim	Sim
	Instabilidade regional (provoca)	Sim	Sim	Sim	Sim
Situação Geopolítica	Influência regional	EUA; Rússia	EUA	Rússia	Rússia
	Controlo da expansão do extremismo islâmico	Sim	Sim	-	-
	Controlo de Recursos naturais ou Meios de transporte (<i>pipelines</i>)	Sim	Sim	Sim	Sim
Actores Externos	OTAN	ISAF	KFOR	Não	Não
	UE	Sim	Sim	-	-
	Rússia	--	--	Sim	Sim
	EUA	Sim	Sim	--	--
	Interferência na política interna	EUA	EUA; UE	Rússia EUA (Geór.)	Rússia EUA (Geór.)
	Intervenção militar	OTAN; UE	OTAN (EUA)	Rússia	Rússia
Viabilidade (autonomia)	Governativa	Não	Não	Não	Não
	Económica	Não	Não	Não	Não
	Dependência de	EUA	EUA; UE	Rússia	Rússia

Analisemos quais as consequências dos três conflitos estudados para a estabilidade regional e para o relacionamento entre os actores OTAN, EU e Rússia e, necessariamente, EUA. Foram fundamentais, quer para a dos factores quer para a análise subsequente os testemunhos de dois Oficiais Gerais com experiência nos Teatros de Operações do Kosovo e do Afeganistão, respectivamente.

c. Afeganistão

Consequência para a Estabilidade Regional



O conflito e as actividades associadas ao fluxo de ópio contribuem para a instabilidade na região. A pacificação poderá criar a oportunidade para a construção e exploração de oleodutos e gasodutos, o que representaria para o Afeganistão o maior investimento estrangeiro desde a invasão soviética de 1979 (Tanter, 2001, 4). Contudo, sem a participação dos Talibãs “moderados” no processo político (Korsky, 2008: 20) o conflito tenderá a arrastar-se, não se prevendo uma vitória militar para breve. Essa vitória só será alcançada se os santuários Talibãs existentes no Paquistão forem neutralizados e isso exige a participação do governo paquistanês.

Efeitos no relacionamento dos Actores Externos Principais

O facto da OTAN e da UE estarem envolvidos neste conflito e as relações que daqui decorrem com a Rússia, também ela envolvida mas de uma forma mais indirecta, estando sobretudo empenhada em facilitar o apoio logístico, demonstram a capacidade destes actores em cooperarem numa perspectiva geopolítica. As actuais negociações entre os EUA e a Rússia sobre a utilização do espaço aéreo russo para apoio à campanha militar no Afeganistão (sob pretexto da luta anti-terrorista e de combate ao narcotráfico e com o fim indirecto de contenção do fundamentalismo islâmico) reflectem pragmatismo, interesses convergentes e acomodação nas suas políticas externas.

d. Kosovo

Consequência para a Estabilidade Regional

O processo que conduziu à sua declaração de independência pode originar um foco de instabilidade regional porque:

- ❑ A Sérvia resistirá à secessão¹ da província que considera como o “berço” da nacionalidade por ter sido nela que em 1389 se realizou a histórica batalha de Kosovo Polje;
- ❑ Constituir-se-á sempre como um precedente e modelo para movimentos secessionistas (vide Geórgia);
- ❑ A ideia de construir uma Grande Albânia é uma permanente motivação para o aparecimento de movimentos irredentistas de minorias albanesas (nomeadamente na Grécia e na Macedónia).

A estabilidade da zona dependerá ainda de outros factores dos quais importa relevar e acompanhar:

- ❑ A política da OTAN, UE e Rússia para controlarem a região;

¹ Como comprova o facto de ter solicitado um parecer do Tribunal Internacional de Justiça sobre a legalidade da declaração unilateral de independência.



- ❑ As condições económico-sociais dos países vizinhos;
- ❑ O estabelecimento de boas práticas de governação;
- ❑ Os resultados do combate à criminalidade organizada;
- ❑ A autonomia (viabilidade) económica que vier a ser conseguida pelo Kosovo;
- ❑ A possível expansão do fundamentalismo islâmico nos albaneses.

Efeitos no relacionamento dos Actores Externos Principais

As relações entre a OTAN e a Rússia agudizaram-se, e em particular entre a Rússia e os EUA. Voltou-se mesmo a alguma retórica da guerra fria, exagerada, tendo muitas vezes como destinatário a opinião pública interna. O apoio e reconhecimento da independência são entendidos pela Rússia como uma acção americana para obter vantagens geopolíticas. A posição de alguns países da OTAN e da UE foi contrária, caso da Espanha, reflectindo a divergência de opiniões e de interesses no seio da Organização.

A Rússia alertou (Cooper, 2008; 1) para as consequências deste reconhecimento como a abertura de um precedente para a Ossétia do Sul e para outras províncias separatistas. O próprio presidente Putin reclamou, na conferência de imprensa de 31 de Janeiro de 2006 na televisão russa, a necessidade de estabelecimento de princípios para resolver os *frozen conflicts*. Medvedev, após a acção na Geórgia parece querer discutir critérios para situações futuras, revendo o Acordo de Helsínquia de 1975 quanto ao redesenho de novas fronteiras (Feffer, 2008: 2).

e. Geórgia

Consequência para a Estabilidade Regional

A Rússia ao advogar parte dos argumentos utilizados para a justificação da independência do Kosovo, como fundamento e modelo para a sua actuação na Abecázia e na Ossétia do Sul, deixa cair o defendido princípio da integridade territorial e franqueia o caminho para futuros conflitos, mesmo no interior das suas fronteiras.

Em primeiro lugar, por parte da Rússia, o emprego da força militar foi um sinal claro da vontade e capacidade para intervir militarmente na defesa dos seus interesses (Evans, 2008; 2), reforçando a auto-estima da opinião pública interna e fortalecendo a legitimidade do regime Vladimir Putin-Dmitry Medvedev (Krastev, 2008:2). Receosos, os NIS serão tentados a favorecer a expansão da OTAN ou a procurar efectuar acordos e alianças que reforcem a sua segurança e defesa. A presença, em Tblissi, de Chefes de Estado em sinal de solidariedade contra a invasão russa é um sinal significativo (Williams,



2008b:2). De facto, há percepção que a presença de forças russas na Abecázia e na Ossétia do Sul é efectivamente parte do problema e não da solução (Amus, 2008: 2). O rápido desenlace da assinatura do acordo entre a Polónia e os Estados Unidos sobre a instalação de base(s) de mísseis é revelador da reacção face à invasão russa na Geórgia¹.

Em segundo lugar, o reconhecimento das independências favorece o recrudescimento de nacionalismo e de ideias separatistas em inúmeras minorias encurraladas em fronteiras arbitrárias herdadas do estalinismo. A integridade da Rússia, e de outros países como o Irão e a Turquia, poderá estar ameaçada. O caso da Abecázia é revelador do efeito que poderá induzir, tendo em conta que uma minoria de 17,8% da população (Hunter, 2007: 9) conseguiu “expulsar” uma maioria (Williams, 2008, 3).

A instabilidade irá aumentar se a Rússia e a OTAN enveredarem por uma estratégia de confronto. A Rússia não deixará de intervir nos *frozen conflicts* devendo, por isso, ser chamada a cooperar na sua resolução. Relativamente à Abecázia e à Ossétia do Sul não parece ser do interesse da Rússia que após a “independência” se produzisse uma integração na CIS pois seria considerada como uma “anexação” e aumentaria o receio nos países com minorias russas. Esse receio torna-se ainda mais fundamentado, junto dos países Bálticos e da Crimeia (Ucrânia) tendo em conta as afirmações de Medvedev anunciando, no âmbito da política externa, que a Rússia protegerá a vida e dignidade dos seus cidadãos onde quer que eles estejam (EMBAIXADA DA FEDERAÇÃO DA RÚSSIA NA REPÚBLICA PORTUGUESA. 2008). Assim a Rússia controlará política, económica e militarmente estas regiões, não necessitando, no imediato, de uma anexação formal.

Efeitos no relacionamento dos Actores Externos Principais

Para a Rússia a operação na Geórgia e o reconhecimento das independências da Abecázia e da Ossétia do Sul surgiram como uma oportunidade para demonstrar a sua determinação em reafirmar a sua influência regional, capaz de projectar poder e de reivindicar a sua esfera de influência sobre os ex-países da URSS. Com esta acção não pretendeu enfrentar directamente os EUA, mas alertar os países do *near abroad* relativamente ao desenvolvimento de políticas anti-russas. Tornou explícito que não hesitará em manipular os *frozen conflicts* em prol dos seus interesses. As reacções internacionais não lhe foram favoráveis por se considerar que colocavam em causa a integridade e a soberania de outros países com minorias internas (Kissinger, 2008b: 1). No entanto, a atitude russa obrigou a um repensar da necessidade de alargamento da OTAN

¹ Esta situação está em aberto, parecendo haver uma maior flexibilidade quanto a um possível acordo entre a Rússia e os EUA, após o encontro de 01 de Abril do Presidente Medvedev e do Presidente Obama.



aos NIS, com a Alemanha a rejeitar a possibilidade da entrada imediata da Geórgia e da Ucrânia. Esta rejeição poderá vir a criar espaço para o Ocidente aceitar uma nova estrutura de segurança/defesa na região onde a Rússia e outras potências regionais tenham voz. O conflito, não parece, até à data, ter afectado o traçado do corredor energético e estratégico Este-Oeste mas parece ter precipitado a aceitação por parte da Polónia e República Checa da colocação do sistema antimíssil americano. Do ponto de vista russo também alguns dos objectivos de intervenção ficaram por atingir, tais como o derrube do Presidente Mikheil Saakashvili (Hamilton, 2008: 1) e a mudança do regime na Geórgia por um novo regime mais pró-russo (Cohen, 2008, 2). O impacto na economia russa foi ainda muito negativo, nomeadamente ao desencadear a fuga de capitais e a quebra do rublo em mais de 10% num só mês (Kuchins, 2008: 1).

Quanto à OTAN, ou mais precisamente quanto aos EUA, foi um golpe na política de expansão porquanto demonstrou, embora negadas pela administração americana (Kuchins, 2008:1), não haver condições militares imediatas para garantir a integridade territorial dos novos países membros nem ter ascendência sobre Moscovo capaz de controlar o conflito (Krastev, 2008: 2). Não está em causa a presença americana no Cáucaso do Sul e o seu contributo para o desenvolvimento económico e estabilidade da região mas a sua liberdade de acção poderá estar mais limitada, podendo ser obrigado a negociar com a Rússia, numa posição mais fraca, tendo também em conta o contexto internacional e o empenhamento de forças no Afeganistão e no Iraque.

f. Padrão no relacionamento dos actores externos

Analisando os conflitos pretendemos identificar um padrão coerente de políticas e relacionamentos desenvolvidos pelos actores, em resposta aos efeitos resultantes da erupção de conflitos regionais. Sempre que possível procurámos corroborar as nossas avaliações com as de outros autores. Levantamos assim a seguinte hipótese :

HIPÓTESE

H₄ Pode definir-se um padrão no relacionamento da OTAN, UE e Rússia nos conflitos regionais avaliados.

Reflectindo transversalmente encontramos, sempre presentes, formas de comportamento que nos permitem com alguma segurança determinar quais os princípios (e.g. *power politics*), ou acções (interferência na política interna), ou ainda circunstâncias (e.g. dependência) que tenderão a enformar o relacionamento da OTAN, UE e Rússia. O facto de o padrão tipificar o que era expectável no comportamento de potências (globais ou



regionais) ou noutros conflitos analisados por diferentes autores, só reforça a justeza das nossas conclusões. As potências não abandonaram a *realpolitik*. Todas elas utilizaram formas de coacção diversas, desde a acção psicológica à acção militar, como se pode verificar na análise destes factores no Apêndice 4. Nos casos estudados, a acção militar está presente pela falência das outras acções exercidas. Vejamos, a título ilustrativo, um quadro comparativo sobre o emprego desta acção coerciva e seus resultados.

Tabela 3 – Quadro Comparativo da Coacção Exercida

PAÍS/REGIÃO	ACTOR (Externo)	AVALIAÇÃO DA COACÇÃO	RESULTADO	
Afeganistão	UE OTAN	Sucesso militar limitado.	Bases da AlQaed destruídas. Violência Talibã activa. Continuação das operações.	
Kosovo	OTAN	Sucesso militar	Sérvia derrotada. Declaração Independência unilateral. Situação não resolvida.	
Geórgia	Abecázia	Rússia	Sucesso militar	Governo central derrotado. Declaração de
	Ossétia do Sul	Rússia	Sucesso militar	Independência. Situação não resolvida.

Procuremos então caracterizar esse padrão ou tendência que caracteriza o relacionamento destes actores e reflecte um comportamento racional face aos conflitos em que se envolvem.

Visão geopolítica. O factor geopolítico é importantíssimo no reforço ou agudização das relações entre os actores dado envolver políticas que poderão ser divergentes. Existe uma competição entre os EUA e a Rússia pelo controlo do Cáucaso do Sul e da Ásia Central, no sentido de dominar as fontes de petróleo e de gás natural da região do Cáspio e do Cazaquistão e a sua distribuição para o Ocidente através de oleodutos e de gasodutos. É a geopolítica da segurança energética que fortalece o poder russo na cena internacional (Granger, 2007: 3). A actuação desenvolvida nos últimos anos pela Rússia na Abecázia e Ossétia do Sul, culminando no reconhecimento da independência destas regiões, tem um sentido marcadamente geopolítico de controlo desta região e do transporte dos recursos energéticos, nomeadamente do “corredor energético” Este-Oeste, mas também o acesso no Mar Negro.

Cooperação estratégica. Verifica-se uma cooperação geral entre o Ocidente e a Rússia que poderá ser activada ou reforçada por um conflito regional. Assiste-se à



articulação de acções e apoio na luta anti-terrorista, à criminalidade organizada e à não proliferação de armas de destruição maciça (Stepanova, 2001: 1). No entanto, a ameaça concreta a interesses nacionais ou a própria valorização destes interesses pode alterar essa política. O apoio da Rússia aos EUA no Afeganistão, mantendo em simultâneo uma relação com o Irão da qual resulta o fornecimento de armamento e de tecnologia nuclear (Linde, 2004: 168) exemplifica uma visão realista na execução da política externa russa. A posição unida da UE contra a acção da Rússia sobre a Geórgia não inviabiliza o apoio da Alemanha e da Itália ao gasoduto *Nord Stream*.

Power politics. Os EUA e a Rússia passaram a privilegiar a Estratégia Directa em detrimento da Indirecta na defesa dos seus interesses como demonstram as acções no Kosovo e na Geórgia (Cordesman, 2008:1). Dos actores externos, a OTAN e a UE surgem como representantes dos valores ocidentais, numa aproximação geográfica à Rússia, nem sempre entendida como parceira mas sim como concorrente ou mesmo adversária. Ressalta que a UE só pode, de facto, exercer um *soft power*, mesmo este limitado, por não conseguir apresentar uma política comum em matérias fundamentais, como a gestão dos interesses colectivos nos domínios do petróleo e gás natural.

Projecção de poder. Existe uma conflitualidade latente em muitas regiões, em geral com origem em questões étnicas e religiosas, associados a questões territoriais não resolvidas. Quando estas regiões no ex-espaço da URSS são envolvidas num processo de alargamento da OTAN ou da extensão da UE, a Rússia sente-se ameaçada, cercada, e reage agressivamente. Assim, foi possível prever um recrudescimento dos conflitos regionais (Smith, 2000: 20) como resultado de uma acção premeditada de desestabilização. Os Balcãs e o Cáucaso do Sul (JOE, 2008:31) são um exemplo no respeitante a conflitos, os Países Bálticos e a Polónia são outro, relativamente a medidas de pressão bilaterais (Leonard, 2007: 15).

Interferência na política interna. Os Estados analisados apresentam fraquezas internas graves como a instabilidade política e económica, o crime e a corrupção endémica que os fragiliza do ponto de vista da segurança, permitindo uma mais fácil interferência na sua política interna e a exploração, por Estados terceiros, de conflitos étnicos latentes. A interferência da OTAN no Kosovo e da Rússia na Abecázia e na Ossétia dos Sul, nestas duas últimas regiões antes do conflito de Agosto de 2008, são elucidativos da pressão sobre as autoridades locais e sobre a população.

Dependência. Nos conflitos analisados as regiões secessionistas não têm verdadeiramente viabilidade autónoma, quer do ponto de vista político (estruturas



governativas estáveis e autoridade do Estado), quer sob o ponto de vista económico, quer ainda do ponto de vista social (pacificação e estabilidade social). A sua dependência é praticamente total, no Kosovo do apoio da UE e dos EUA, na Abecázia e na Ossétia do Sul, ainda que em graus variados, da Rússia. São os actores externos que suportam o ónus do apoio à autonomia das regiões irredentistas ou separatistas.

Relacionamento com outros actores e equilíbrio de poder. Nos conflitos regionais, nas fronteiras da UE e da Rússia ou da sua esfera de influência, surgem ainda como actores externos, para além da ONU e das suas instituições específicas, potências regionais como o Irão e a Turquia. Estas potências poderão influir numa partilha de influências que a Rússia, a UE e os EUA pretendam estabelecer. Daí as relações que procuram desenvolver, jogando com interesses regionais específicos. As potências locais/regionais tendem a ser utilizados como instrumentos, mesmo quando resulta em ganhos geopolíticos para aquelas. Verifica-se uma política mais de acomodação ou de soma múltipla do que de soma zero.

Sintetizando, podemos caracterizar o padrão no relacionamento dos actores nos conflitos regionais como o de uma cooperação estratégica quanto a interesses comuns ou ameaças comuns, e de confrontação indirecta, através instrumentalização dos conflitos, quando perante interesses divergentes. Os actores recorrem a formas de coação diversas, desde a intervenção militar ofensiva directa à mera influência na estrutura política interna. Quando aplicam a força, procuram legitimar a sua intervenção através do apoio ou reconhecimento da ONU¹. Qualquer dos actores procura estabelecer a sua esfera de influência e negar, ou limitar o poder e capacidade de intervenção dos outros.

5. Prospectiva de evolução das relações da OTAN, EU e Rússia

Estabelecido que foi um conceito operacional aplicável ao desenvolvimento deste estudo, determinados os factores mais relevantes que afectam as relações dos actores em causa, encontradas as regiões potenciais de emergência de conflitos capazes de os envolver, analisados conflitos que permitiram extrair padrões ou tendências nas suas acções, interessa tentar delinear uma prospectiva da evolução dos seus relacionamentos inseridas num contexto em que ocorre um conflito regional. Assim a pergunta formada foi a seguinte:

¹ A intervenção da OTAN no Kosovo é um exemplo.



QUESTÃO DERIVADA

Q₅ Quais as perspectivas de evolução das relações da OTAN, UE e Rússia?

A resposta a esta questão situar-se-á a dois níveis, um mais geral numa prospectiva exploratória e, um outro, mais específico numa prospectiva estratégica, sobre cenários desenvolvidos para a situação em causa. Assim, para estes dois níveis de análise, definimos a seguinte hipótese:

HIPÓTESE

H₅ A continuação da dependência do petróleo e do gás natural russo dos países membros da OTAN e UE, associada à ocorrência de conflitos regionais continuará a condicionar as relações entre a OTAN, UE e Rússia.

a. Geral

Tendo em conta o “padrão” detectável dos actores analisados, os efeitos gerais que os conflitos induzem e os possíveis conflitos regionais que possam ocorrer envolvendo directa ou indirectamente a OTAN-UE-Rússia, tentamos determinar quais as consequências geopolíticas, geoestratégicas, e geoeconómicas mais significativas para as relações internacionais.

Geopolítica

A reconstituição da esfera de influência da URSS e a oposição a essa reconstituição será um factor determinante, quer na resolução de conflitos quer no estabelecimento de políticas externas mais coordenadas e colaborantes. Do lado Ocidental o Actor determinante é os EUA, e exercerá isoladamente, ou através da OTAN, a sua influência. A UE, incapaz de apresentar efectivamente uma política externa (e de defesa) comum, não terá capacidade para se opor aos desejos hegemónicos da Rússia. Políticas nacionais continuarão a sobrepor-se às da União, como é o caso da oposição da Alemanha a qualquer confronto com a Rússia, explicitamente demonstrada na sua oposição à possível entrada da Geórgia e da Ucrânia na OTAN. Enquanto a questão da Geórgia não for resolvida entre a Rússia e os Estados membros da UE e da OTAN (entenda-se, predominantemente os EUA), será difícil uma cooperação mais estreita e uma maior transparência no relacionamento. A integração de NIS na OTAN deverá ser realizada com a progressiva normalização de relações com Moscovo o que acarretará um previsível retardamento no ritmo de novas adesões (Perovic, 2008: 3). A uma Rússia mais assertiva a UE muito possivelmente acomodar-se-á, demonstrando a sua incapacidade em matéria da Defesa. Os



orçamentos de defesa europeus¹ continuarão a revelar uma astenia e manter-se-á a resistência à participação no esforço de guerra no Iraque e no Afeganistão.

A questão energética continuará a ser um vector associado à questão anterior por alterar a situação geopolítica e produzir receitas importantíssimas para o desenvolvimento dos países produtores. Contudo, a segurança no abastecimento energético dependerá da estabilidade política do Golfo Pérsico, onde se situam os maiores fornecedores. Com o esfriar das relações entre os EUA e a Arábia Saudita, os americanos promoverão o investimento em fontes alternativas, nomeadamente em África e no Cáucaso-Ásia Central. O aumento das necessidades energéticas de países como a China, Japão e Índia tornará mais premente a garantia de estabilidade nos fornecimentos e a progressiva articulação de políticas energéticas, particularmente entre a UE e os EUA, principais interessados no corredor Este-Oeste. A participação de organizações como a OSCE serão instrumentais para a redução de focos de tensão e para desenvolver pontos comuns. O Cáucaso do Sul e a Ásia Central são áreas onde a probabilidade de deflagrarem conflitos será elevada e onde a Rússia e os EUA continuarão a promover uma disputa acesa na afirmação da sua influência. O estatuto do Mar Cáspio, o traçado dos oleodutos e dos gasodutos, a crescente preponderância do Irão e da Turquia, reforçará a necessidade de uma maior coordenação política e diplomática entre a UE e a OTAN. É de prever um maior aprofundamento das relações com os países do Cáucaso do Sul. Os EUA procurarão manter o Azerbaijão como seu aliado privilegiado na região do Mar Cáspio.

Os conflitos no Afeganistão e no Iraque condicionarão o relacionamento entre a Rússia e os EUA e, com a própria UE. A contenção da Rússia, pelos EUA, parece ser só possível se não houver um entendimento entre a Rússia e o Irão (questão dos traçados e do dossier sobre o enriquecimento do urânio) e a situação no Iraque e do Afeganistão se encontrar mais controlada permitindo a recuperação do sistema militar americano. A Rússia continuará a considerar como principal ameaça a política de segurança dos EUA (Trenin, 2007: 38).

Geoestratégico

A Rússia reage à primazia dos EUA referida a um poder unipolar, defendendo um

¹ Os orçamentos da defesa da Rússia quadruplicou entre 2001-2007, e existem planos de modernização de 45% do material até 2015 (DIS, 2008:4). O Presidente Medvedev garantiu que continuará a modernizar as forças armadas apesar da crise económica global (Jane's Defence Weekly Volume 46, Issue 12, 25 March 2009, pg13).



mundo multipolar (Friedman, 2008:2). A aproximação das fronteiras da UE e OTAN à Rússia transforma os países constituintes dessa nova fronteira em potenciais adversários ou inimigos. Esta percepção é agravada pela convicção que os americanos não se coibirão, face aos exemplos do bombardeamento dos bósnios-sérvios, da campanha aérea sobre o Kosovo e da invasão do Iraque, de utilizarem a força militar para obterem objectivos políticos (Trenin, 2007: 39). No entanto, não é previsível um confronto directo entre a OTAN e a Rússia, sendo mais provável o desencadear de conflitos regionais que os afectem indirectamente. Será natural o acréscimo por parte dos Estados Unidos (país decisivo no quadro da OTAN) ou da Rússia do treino e assessoria militares, preparando forças de países ou de facções secessionistas. A globalização torna a participação americana neste tipo de acções cada vez mais difícil porque sendo muito escrutinado pelos media é difícil mantê-las em segredo no mundo ocidental. Pelo contrário, no lado russo não existem ainda formas eficazes de escrutínio tornando estas acções mais possíveis e prováveis. A procura de armamento e material por parte dos actores em zonas de tensão tenderá a aumentar, mesmo o mais avançado tecnologicamente. As receitas do petróleo e gás natural permitirão esse financiamento (Haas, 2006a: 35) quer por parte dos Estados quer por parte de outros actores.

A Rússia e a OTAN, mais concretamente os EUA, constituirão ou manterão bases militares num esforço de conquistar ou manter a hegemonia regional ou local e de garantir o acesso às fontes energéticas sem restrições, políticas ou militares. Contudo, a Rússia terá dificuldade em manter o seu efectivo militar dada a redução da sua população em 8-10% até 2015, com uma redução de 50% da população em idade de recrutamento (JDCC, 2003: 1-12). Atente-se à reestruturação das forças, organização e doutrina de modo a torná-las mais projectáveis.

As forças dos EUA encontram-se exauridas pelo contínuo esforço¹ no Afeganistão e no Iraque (Friedman, 2008; 1), não estando em condições de, num futuro próximo, efectivamente cumprirem o definido no seu conceito estratégico no respeitante a combaterem simultaneamente em dois conflitos de alta intensidade². As operações russas na Abecázia e na Ossétia do Sul vieram também expor outra realidade, o da capacidade limitada dos EUA protegerem pequenos Estados aliados mas estrategicamente expostos

¹ “The demands for our forces exceed the sustainable supply. We are consumed with meeting the demands of the current fight and are unable to provide ready forces as rapidly as necessary for other contingencies”, CASEY, USA Chief of Staff of the Army General George. Citado em Under strain.Special Report: Force Evolution US Army.Jane’s Defence Weekly.Volume 45. Issue 40.1 October 2008. Pg40.

² Tradução adaptada de *two major conflicts*, pretende qualificar o nível de empenhamento e intensidade das forças.



(Carpenter, 2008: 1), pela prevalência dos interesses americanos¹, incentivando e abrindo assim a possibilidade ao recrudescimento de outros conflitos. O Cáucaso e o Mar Cáspio continuarão a revestir-se de particular importância estratégica por permitirem a constituição do corredor Este-Oeste; por servirem de base de apoio para controlar e pressionar o Irão; para desenvolver uma mais eficaz “guerra ao terror” e como região com importantes reservas energéticas (Haas, 2006a: 70).

As ondas de choque dos conflitos ou da sua “preparação” não se repercutirão apenas individualmente nos Estados. Os actores procurarão utilizar organizações de segurança existentes ou a criar, de modo a assegurar o poder na sua esfera de influência. Para além da OTAN, é importante referir a SCO, a CSTO e a *Black Sea Naval Cooperation Task Group*² (BLACKSEAFOR). A composição destas organizações tende a reflectir uma preocupação com a segurança energética. A energia terá um papel crescente como “arma”, como já aconteceu com o corte do gás, em 2006, à Ucrânia, à Bielorrússia, à Lituânia e à República Checa e, em Dezembro de 2008 à Ucrânia. No caso de agravamento das relações entre a Rússia e o Ocidente, as afirmações do Senador (EUA) Richard Lugar, Presidente do Comité do Senado para as Relações Externas, no sentido de se aplicar o Artº 5º caso algum membro da Aliança tivesse o fornecimento de combustível ameaçado (Haas, 2006a: 60) poderão ganhar actualidade. O acordo da Polónia e da República Checa quanto à colocação do sistema anti-míssil serviu como argumento para a suspensão do CFE e é um pretexto para a revisão de tratados, nomeadamente o *Intermediate Range Nuclear Forces Treaty* (INF) no âmbito da segurança. A manutenção de um clima de instabilidade poderá induzir uma corrida armamentista. No entanto, parece ser mais plausível que se verifique um acordo entre a Rússia e os EUA, como parece indicar a “moratória russa” quanto à colocação de mísseis em Kaliningrado e as conversações em curso sobre redução de mísseis.

Geo económico

A instabilidade decorrente de um conflito condiciona o desenvolvimento económico e tende a afastar ou adiar o investimento estrangeiro. Além disso, todo o investimento considerado de risco tenderá a ser realizado em actividades que permitam um retorno rápido, sem preocupações quanto à qualidade tecnológica do material e

¹ Confirmando a célebre expressão de Kissinger: Great powers don't commit suicide for their allies.

² Criada em 2001 sob a égide da Turquia, constituída pela Bulgária, Geórgia, Roménia e Rússia, tem como objectivo promover a segurança e estabilidade na área marítima do Mar Negro.



equipamento investido (Doherty, 2008). Este comportamento será visível nas regiões de conflito como na própria Rússia. Esta tem um produto interno bruto GDP igual ao da Bélgica e da Holanda juntos (Leonard, 2007: 8), as suas estruturas produtivas estão obsoletas e não apresenta os melhores modelos de organização e de gestão. Nesta linha, toda a cooperação com o Ocidente poderá configurar uma oportunidade de desenvolvimento (Linde, 2004: 24). A longo prazo, e no pior cenário, estima-se uma quebra entre 30-40% de receitas do investimento estrangeiro obtidas pela Rússia, correspondendo a 0.4-0,5% do PNB (Hanson, 2008: 3). A Rússia reemergiu, economicamente, com base na exportação do seu petróleo e gás natural mas não é claro que esse processo se mantenha sustentável. A volatilidade dos preços e a crescente dependência de muitos países europeus - pelo menos nos próximos 25 anos (Cohen, 2007:2), enquanto as maiores economias não conseguirem diversificar os seus fornecedores - retiram confiança quanto à “normal” obtenção dos recursos energéticos provenientes da Rússia. Esta percepção pressiona os países para uma mais rápida diversificação das fontes energéticas e para o desenvolvimento de energias alternativas. Importa também referir que nos NIS as receitas do petróleo e gás poderão precipitar, através do aumento das capacidades militares, a tentativa de “resolução” militar de conflitos. Nagorno Karabakh poderá constituir-se num exemplo. A Rússia confrontar-se-á com a crescente importância geopolítica da Turquia por via da operacionalização do BTC que veio quebrar o monopólio russo da exportação do petróleo e “ultrapassar” o Irão (Haas, 2006a: 39). Contudo, a continuidade dos fornecimentos por esta via não estará totalmente garantida porquanto este oleoduto poderá constituir-se um potencial objectivo para o *Parti Karkerani Kurdistan* (PKK)¹.

Para além do petróleo e gás natural, a diversificação da economia russa será uma variável relevante para o seu futuro (Kuusi, 2007: 32). Assim, uma progressiva interdependência com o Ocidente surge como um imperativo para o seu desenvolvimento e mesmo inovação tecnológica (no âmbito da aplicação civil). Uma maior garantia jurídica e procedimentos relativamente ao investimento estrangeiro na Rússia poderão acelerar essa renovação. No campo militar e aeronáutico a Rússia produz equipamento tecnologicamente avançado pelo que assistir-se-á a uma modernização das suas forças Armadas. A Rússia registará um aumento da venda de armamento com um peso muito significativo na sua balança de pagamentos.

¹ Partido Curdo dos Trabalhadores. Organização terrorista criada em 1970, de ideologia marxista-leninista, e que tem como objectivo a criação de um Estado Curdo socialista.



Após esta previsão quanto à evolução global das relações entre a OTAN, EU e Rússia e suas implicações regionais importa sumariar conclusões que sirvam de base para o desenvolvimento dos cenários tendo sempre presentes os factores expansão do Ocidente para Leste e política energética.

CONCLUSÕES PARCELARES

1. A ocorrência de conflitos continuará a condicionar as relações futuras entre a OTAN, UE e Rússia;
2. A expansão da OTAN e UE a Leste sofrerá um abrandamento;
3. A obtenção de petróleo e gás natural, sem restrições político militares, é um interesse vital para os países membros da OTAN e da UE, e determinará as relações entre os actores;
4. A associação da força com a política energética constituirá um instrumento de poder, e o principal no Cáucaso do Sul.

b. Cenários face a conflitos regionais

Considerando as linhas de acção determinadas, os seus possíveis efeitos e a informação disponível, iremos construir dois cenários prováveis de evolução do relacionamento entre OTAN, UE e Rússia, maior cooperação ou confrontação (Milov, 2008: 18), tendo como base os seguintes pressupostos:

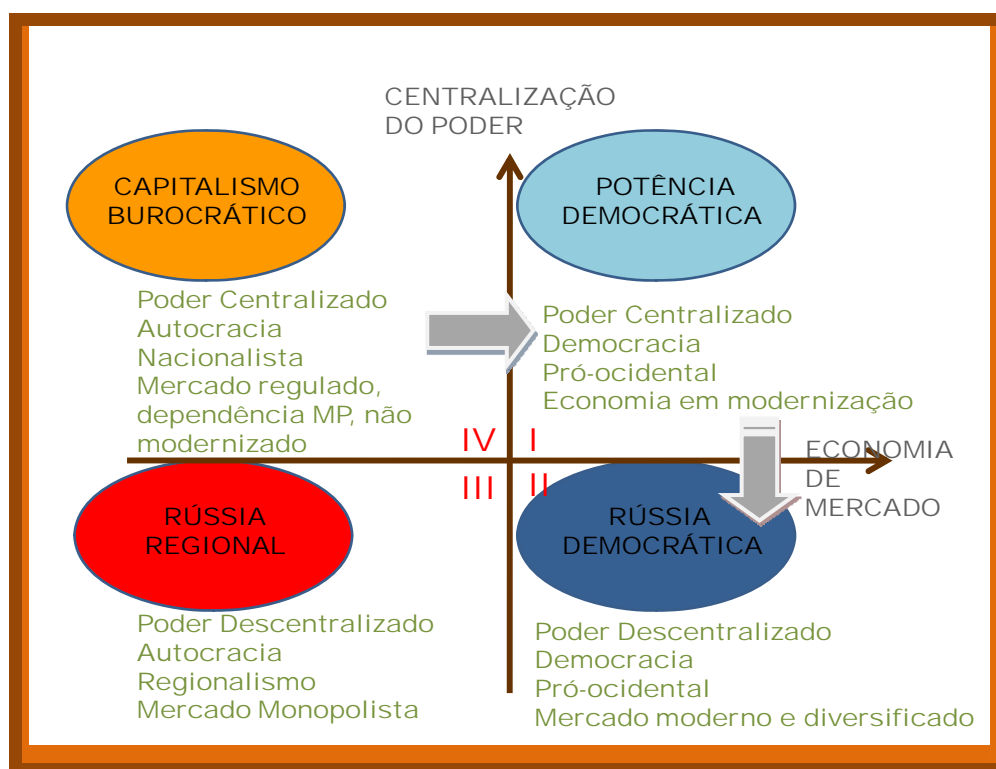
Mantêm-se os mesmos actores principais, OTAN, UE e Rússia;

- ❑ Os cenários referem-se à expectável evolução das relações entre estes actores;
- ❑ Os actores evitarão o confronto militar directo (Andreasen, 2005: 10; Sander, 2006: 5; Kuchins, 2008b:2) (não há escalada de violência/ patamar de violência controlado);
- ❑ A médio e longo prazo os actores tenderão a passar, pela possibilidade de benefícios mútuos, de uma política de *zero sum situation* (Danilov, 2005:79,137) para *win-win situation* (Smorodinskaya, 2008:6);
- ❑ O consumo de petróleo e gás vai subir;
- ❑ O aprovisionamento de energia (petróleo e gás natural) é um interesse vital para as potências pelo que o factor energético continuará a ser determinante nas relações externas futuras;
- ❑ Os riscos relativos à perturbação no fornecimento energético (petróleo e gás natural) e a vulnerabilidade da sociedade a esses riscos continuarão a aumentar (Linde, 2004: 111).



Para além dos pressupostos, considerámos a segurança e a centralização do poder do Estado como variáveis chaves orientadoras para a elaboração do modelo, tendo como referência a Rússia (Andreasen, 2005:12-30). Procurámos assim determinar os possíveis cenários genéricos e, partindo deles, elaborar os cenários de relacionamento dos actores aquando da ocorrência de um possível conflito regional. Na determinação dos cenários genéricos estabelecemos um eixo para a economia, fundamental para o desenvolvimento e bem-estar da população de um país. Considerámos também associados a uma economia mais liberal e aberta uma cultura política mais democrática. Para o eixo das ordenadas seleccionámos o da concentração e integração de poderes no Estado, determinantes para o desenvolvimento de uma relação mais cooperante ou de confrontação no âmbito da política de segurança e defesa.

Figura 1 – Matriz Lógica dos Cenários



A situação actual encontra-se muito próxima do cenário IV. O desejável para o Ocidente seria verificar-se o do quadrante II mas, no curto prazo, tal não parece ser passível de se concretizar. Assim, com base na situação actual e na possibilidade levantada em IV, vamos desenvolver dois cenários tomando em consideração o possível despertar de conflitos regionais.

Os cenários são projecções de uma possível realidade futura, construídos com base em dados actuais e principais tendências. Procuram constituir-se como um instrumento e



não como um fim a alcançar. Acreditamos que face a futuros conflitos regionais o desenvolvimento das relações irá situar-se entre estes dois modelos limites. Procurámos, na sua elaboração, considerar situações comuns em vários cenários investigados na literatura disponível. Com este método procurou-se retirar qualquer gratuitidade às afirmações, validando-as através do cruzamento de diversas fontes.

Tabela 4 – Cenários Estratégicos

CENÁRIO A AGUDIZAÇÃO DAS RELAÇÕES	CENÁRIO B NORMALIZAÇÃO NA INSTABILIDADE
Confrontação generalizada na área diplomática, económica e de segurança (pio r cenário)	Cooperação alargada e maior integração económica com a Rússia (Linde, 2004: 23) (mel hor cenário)
CARACTERIZAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO
Poder político Russo autocrático e centralizado (Andreasen, 2005:14)	Poder político Russo autocrático e centralizado (Andreasen, 2005:14)
Unilateralismo político dos EUA e da Rússia.	Progressivo multilateralismo político dos EUA e da Rússia.
Intransigência da OTAN e UE quanto à integridade territorial da Geórgia e da Rússia quanto à da Sérvia (Kosovo).	Reconhecimento pela UE, OTAN e Rússia da situação de facto no Kosovo, Abecázia e Ossétia do Sul (Trenin, 2008).
Alargamento e integração na OTAN, o mais rapidamente possível, de países situados na esfera de influência da Rússia, em particular da Ucrânia e da Geórgia (Trenin, 2007:45).	Retardamento na expansão da OTAN enquanto os países pretendentes não cumprirem com os requisitos políticos e militares das democracias ocidentais. Constituição de uma arquitectura de defesa onde a OTAN, a UE a Rússia e os NIS participem. Pressão russa para uma divisão de responsabilidades entre a OTAN e a CSTO (Haas, 2007:2). Garantia da integridade territorial da Ucrânia.
Desestabilização de outras regiões, efeito dominó, <i>frozen</i> ou <i>no frozen</i> , com a proliferação (ou a pretensão) de se constituírem micro-estados. Forte possibilidade de apoio russo à Transnistria, Adjaria e Nagorno-Karabakh para pressionar a Moldávia, a Geórgia e o Azerbaijão (Smith, 2000: 20) e de apoio americanoa movimentos seccionistas das minorias Curdas, Azeris e Árabes do Irão.	Favorecimento de políticas não seccionistas (manter a integridade dos Estados) e fortalecimento de políticas de direitos de minorias. Revisão dos acordos de Helsínquia relativamente à redefinição de fronteiras.
Rejeição dos acordos de controlo de armamento, em particular do Conventional Armed Forces in Europe (CFE) e do Intermediate Range Nuclear Forces (INF). Desenvolvimento da capacidade militar (Trenin, 2007: 38) Posicionamento de forças em regiões estrategicamente sensíveis para os EUA (Kapila, 2008). Corrida regional ao armamento pelos Estados “subcontratados”(Haas, 20006b: 69)	Reforço da cooperação na luta contra o terrorismo, criminalidade organizada e proliferação de WMD.
Sistema anti-mísseis americano na Polónia e República Checa e, mísseis russos em Kaliningrado	Acordo quanto à instalação de bases militares da Rússia nas regiões seccionistas.
Aliança regional entre Ancara-Moscovo-Teerão (Gagnon-Lefebvre, 2008)	Reforço da cooperação com a Turquia
A Rússia desenvolve uma política agressiva energética sobre a Europa (Linde, 2004: 23; Gallis, 2007:5).	Concertação de uma política energética UE-USA e Rússia.

c. Reflexões para uma política de segurança e energética

Os cenários apresentados trarão implicações nas políticas de segurança e energéticas da OTAN, UE e Rússia. As implicações gerais, comuns, para os dois cenários apresentados são as seguintes:



No âmbito da Segurança

- ❑ **Fortalecimento do vínculo Atlântico.** Reforçar a cooperação na OTAN, entre os EUA e os países Europeus, obrigará a uma definição clara de interesses convergentes e consequentes políticas. Os membros da OTAN (e da UE) deverão defender posições comuns no seu relacionamento com a Rússia.
- ❑ **Alargamento da OTAN.** A necessidade e o ritmo de integração na OTAN de novos países será reavaliada tendo presente que a expansão não é consensual entre os países membros e é considerada, pela Rússia, como uma provocação ou mesmo uma ameaça. A entrada da Ucrânia não deve ser utilizada como um símbolo da vitória ou da derrota política entre o Ocidente e a Rússia. Esta, não deve ser encarada como uma ameaça mas não poderá, de facto, deter o poder de vetar a entrada de um país na OTAN (Gomart, 2008: 16). Deverá ser encontrada uma forma aceitável pela Ucrânia, OTAN, UE e Rússia, capaz de contribuir para a segurança regional e global e de garantir a integridade da Ucrânia.
- ❑ **Cooperação OTAN, UE e Rússia.** A cooperação com a Rússia na resolução de questões regionais que afectam a segurança global, como o Irão e a Coreia do Norte, e na luta contra ameaças transnacionais tais como o terrorismo, a proliferação de ADM e o crime organizado tenderá a ser reforçada.
- ❑ **UE como actor estratégico.** A EU, para ganhar credibilidade e surgir com um parceiro estratégico, será forçada a investir mais na segurança e defesa, não devendo continuar a refugiar-se no *soft power*.
- ❑ **Expansão russa.** O Cáucaso do Sul e Ásia Central, com o fim da URSS, deixaram de estar exclusivamente na esfera de influência da Rússia. A partilha de relações históricas especiais não se pode sobrepor às leis internacionais e deve sim contribuir para o desenvolvimento e cooperação entre os povos. O Kosovo constituiu-se num mau precedente. O interesse dos EUA, da UE e de potências locais como o Irão e a Turquia irá introduzir um forte elemento competitivo e restringir a liberdade de acção das restantes potências externas.
- ❑ **Primado do Direito Internacional.** A resolução internacional de conflitos e não a intervenção unilateral, nomeadamente nos *frozen conflicts*, será a prática a adoptar para garantir uma maior estabilidade e imparcialidade nessa resolução. A UE deverá desenvolver uma postura mais activa para a resolução de conflitos regionais, não se refugiando num modelo onde quem aspira a ser membro deve primeiro resolver esses conflitos. Como norma, a resolução destes conflitos deve ser



conduzida internacionalmente, e não contrariar os princípios da independência e da integridade territorial, a não ser com acordo das partes (Ciobanu, 2004: 23).

- ❑ **Reforço da sociedade civil.** As reformas na Rússia para o uso de boas práticas de governação, combate à corrupção e promoção de valores democráticos são factores determinantes para o fortalecimento da coesão interna e da autoridade. Uma Rússia estável poderá mais fácil e profundamente integrar-se na Europa.

No âmbito da política energética

- ❑ **Credibilidade da UE no sector energético.** A UE deve concertar uma política energética comum sem a qual não terá credibilidade e poder face à Rússia. Os acordos bilaterais efectuados (respondendo à satisfação de interesses nacionais de países membros) fragilizam e dificultam a tomada de uma posição comum dentro da UE e com a OTAN. A tarefa cometida à Comissão Europeia para desenvolver mecanismos que garantam a transparência em assuntos energéticos internacionais entre os Estados membros e a UE (Piebalgs, 2009: 5), já como resultado da (*Second*) *Strategic Energy Review* de Novembro de 2008, é um passo positivo. A Rússia, pelos potenciais ganhos (políticos, estratégicos e económicos) preferirá prosseguir uma política de “bilateralismo” energético.
- ❑ **Reforço do diálogo transatlântico sobre energia.** A promoção entre os EUA e a UE de uma política colectiva conjunta de segurança energética, de eficiência energética e de desenvolvimento de fontes alternativas de energia (Belkin, 2008:1) é um factor decisivo para contrariar a política coerciva energética da Rússia.
- ❑ **Diversificação das fontes energéticas.** A garantia da liberdade de acção no acesso e a diversificação das fontes de petróleo e gás é o desafio mais premente para a aliança transatlântica no sentido de reduzir a dependência energética da Rússia, por parte de alguns países europeus. A segurança energética do petróleo e gás do Cáucaso e da Ásia Central, face à proximidade da Europa e ao impacto que pode ter no abastecimento do mercado, deve ser uma prioridade europeia. O investimento em estruturas que permitam a importação de gás liquefeito é uma forma de reduzir essa dependência e contribuir para a liberalização do mercado de gás.
- ❑ **Cumprimento dos regulamentos e das boas práticas comerciais.** A Rússia se quiser continuar a aumentar a sua quota no fornecimento de petróleo e gás para o mercado ocidental, o que parece ser essencial para o seu futuro económico, será muito provavelmente forçada a alterar as práticas comerciais que tem vindo a



utilizar nos últimos anos, passando a adoptar regras legítimas e transparentes, reconhecendo os interesses comerciais não apenas das empresas russas mas também das não russas. O ambiente político e de negócios na Rússia é ambíguo não desenvolvendo confiança no investimento estrangeiro. A utilização da energia como arma, a pressão exercida sobre as empresas estrangeiras e a ligação da política energética a interesses pessoais (The Brookings Institution, 2006: 2) torna difícil um relacionamento saudável. A Rússia terá que alterar o seu procedimento se pretender beneficiar do desenvolvimento económico que as receitas produzidas pelo gás e pelo petróleo permitem. Um novo acordo no âmbito do *Partnership and Cooperation Agreement (PCA)*, expirado em 2007, facilitaria especialmente o comércio Rússia-UE (Gomart, 2008: 7).

- ❑ **Definição de interesses comuns.** A UE e a OTAN deverão definir claramente quais os seus interesses no Cáucaso do Sul e Ásia Central e estabelecer limites a atitudes externas que comprometam esses interesses.
- ❑ **Estabelecimento do “corredor” Este-Oeste.** O investimento no corredor energético Este-Oeste e a sua segurança devem ser garantidos pela UE e EUA. A ligação Norte-Sul tornará a UE totalmente dependente da Rússia, fortalecendo regionalmente o Irão em detrimento da Turquia. Tal facto conduziria a uma situação de total hegemonia russa com implicações inaceitáveis para os EUA e para a Europa.

Específicas para o Cenário A:

No âmbito da Segurança

- ❑ **Expansão da EU e OTAN a Leste.** Há que reconhecer pragmaticamente que o conceito de “esferas de influência” não é actualmente um conceito obsoleto quer para os EUA quer para a Rússia. Promover uma política de acomodação apresenta mais garantias em fazer migrar a Rússia de um cenário “A” para outro mais próximo de “B”.
- ❑ **Interligação económica entre a EU e a Rússia.** Uma maior (inter)dependência da economia e da sociedade russa com o Ocidente terá um efeito positivo no desenvolvimento económico e social para ambos, contribuindo para a redução de tensões e, conseqüentemente, de potenciais conflitos.



No âmbito da política energética

- ❑ **Controlo das fontes energéticas.** É fundamental que a UE e os EUA procurem negar à Rússia (através de acções políticas, económicas e comerciais) a “supremacia” na obtenção e fornecimento energético, em particular à Europa. Face ao ocorrido na Geórgia, o Ocidente deve garantir a construção do gasoduto Nabucco, previsto para 2010-2013, por fugir ao controlo russo (Cohen, 2009:9). Se necessário deve ser avaliada a necessidade de envio de forças da OTAN para garantir a segurança do BTC. O financiamento e exploração de outros oleodutos e gasodutos devem ser orientados por um jogo geopolítico de soma múltipla, promovendo uma maior diversificação das fontes e da distribuição, forçando também uma maior integração russa nas estruturas ocidentais. A possibilidade de uma quebra súbita no fornecimento de gás russo ou de um fornecimento insuficiente para suprir as necessidades futuras da EU (Gomart, 2008:12), deve influenciar uma política comum relativamente à Argélia e a outros Estados fornecedores de gás liquefeito.
- ❑ **Reservas estratégicas.** A UE deverá continuar a desenvolver políticas de reservas estratégicas e de mecanismos de resposta a crises energéticas dirigidas para os seus estados-membros ou mesmo sob o seu controlo .
- ❑ **Redução da importação energética.** (Grošelj, 2007: 8) Possível através da redução do consumo por maior eficiência energética e do desenvolvimento de energias endógenas (principalmente renováveis). A *20-20-20 Initiative* da UE (redução das emissões de CO² em 20%, aumento em 20% do consumo de energias renováveis e melhoria de 20% na eficiência energética), a concretizar-se até 2020, é uma medida acertada e com grande valor simbólico.
- ❑ **Reforço da importação diversificada de gás liquefeito.** Um acréscimo da importação de gás liquefeito poderá apresentar duas grandes vantagens: diversifica as fontes reduzindo a dependência e pode contribuir para o desenvolvimento de outras áreas do globo.

Para Portugal:

No âmbito da Segurança

- ❑ **Expansão da OTAN e UE.** Pela dimensão e pelo distanciamento geográfico Portugal dificilmente será afectado directamente com a aproximação ou



distanciamento entre a Rússia, OTAN e UE. Contudo, tudo o que possa significar uma maior dependência da UE face à Rússia acabará por nos ser desfavorável e, em contrapartida, tudo o que se traduza em maior cooperação, estabilidade da zona e reforço da dinâmica comercial saudável, acabará por nos ser benéfica.

- ❑ **Estado de direito.** A existência de legislação compatível com os valores Ocidentais e a aplicação de procedimentos transparentes são fundamentais para o desenvolvimento da confiança e para a salvaguarda dos investimentos portugueses. Não é aceitável, nos estados modernos, uma aplicação selectiva da lei criando instabilidade pelo exercício arbitrário do poder (Leonard, 2007:3).

No âmbito da política energética

- ❑ **Política energética comum.** Portugal deve apoiar o desenvolvimento de uma política energética comum na UE que reduza a dependência face à Rússia e promova a constituição de uma plataforma energética em Portugal, reorientando parte da obtenção de petróleo e gás e do seu respectivo trânsito para Oeste. O alargamento do canal do Panamá, aumentando a capacidade de tráfego marítimo, e o aumento da capacidade de armazenagem em Sines poderá viabilizar esta alteração de política energética. Também a possível instabilidade do Médio Oriente e de África onde se situam os principais fornecedores de gás líquido para a Europa (Argélia, Egipto, Omã e Qatar) e a pretensão russa de participar nos projectos argelinos de gás (Belkin, 2008:18; Saunders, 2008:14) parecem favorecer este projecto da plataforma energética.
- ❑ **Diversificação das fontes energéticas.** Para Portugal esta necessidade de diversificação coloca-se mais ao nível da importação de gás. Deverá apostar na bacia Atlântica (Angola e Brasil) de modo a reduzir a sua dependência da Argélia (Tabelas 5-6).
- ❑ **Fontes energéticas alternativas limpas.** O desenvolvimento de “energias alternativas limpas” no quadro das obrigações de Quioto contribui para uma menor dependência e, cumulativamente, para um melhor ambiente. A dependência energética externa de Portugal situou-se, segundo a *Eurostat*, em 83,1% no ano de 2007 face aos 53,8% da EU (a 27).
- ❑ **Planos energéticos.** Sendo a disponibilidade de energia um dos interesses do país, devem ser desenvolvidos e testados planos de emergência energética. A



proposta do Governo português para a UE estabelecer depósitos de gás em minas desactivadas de sal-gema peca por falta de ambição¹. A criação de uma plataforma energética parece ser mais interessante, embora possa encontrar resistência face a políticas energéticas orientadas para o Mediterrâneo (França) ou para Leste (Alemanha). Esta plataforma fortaleceria também o vínculo transatlântico.

- ❑ **Cooperação militar.** A participação militar, inserida na estrutura militar da OTAN ou UE, na protecção das fontes energéticas e estruturas de transporte contribui para a segurança energética e, conseqüentemente, para a salvaguarda dos interesses nacionais, internos e externos.

6. Conclusões

Neste último capítulo efectuamos uma súmula dos procedimentos adoptados e conteúdos estudados ao longo do trabalho, referenciando os contributos obtidos para o conhecimento no âmbito da análise dos conflitos regionais e as reflexões de ordem prática para as políticas de segurança e energética.

a. Retrospectiva

Expostos os objectivos e metodologia de investigação a aplicar e constatada a dificuldade decorrente do conceito de conflito a adoptar posteriormente, e limitado o período para o estudo da reacção dos actores OTAN, EU e Rússia às novas circunstâncias decorrentes do fim da URSS, capítulo 1, adoptou-se no capítulo 2 um conceito de conflito operativo.

No capítulo 3 caracterizou-se, sinteticamente, os três actores principais no contexto internacional e, ainda, outros actores que, numa primeira abordagem, referenciámos como influentes no relacionamento entre a OTAN-UE-Rússia ou que poderiam conduzir à disrupção dos equilíbrios de poder encontrados.

Através da investigação de casos práticos, mediante a análise documental e, no caso do Afeganistão e do Kosovo, apoiados no testemunho directo de Oficiais Gerais que cumpriram missões nessas regiões, procurámos determinar algum comportamento dos actores que identificasse o seu modo de actuação perante um conflito regional, permitindo

¹ A capacidade subterrânea (GALP) está no Carriço (Pombal), no terceiro trimestre de 2009 passará dos actuais 60 milhões de m³ GN para 179,3 milhões. Em Sines os dois reservatórios têm capacidade para 149 milhões, no fim das obras em curso, 2012, a capacidade passará para 238 milhões de m³. As reservas portuguesas dão para 22 dias de consumo médio, a lei portuguesa obriga à constituição de reservas nunca inferior ao equivalente a 15 dias de consumo. Fonte: REN



avaliar ou projectar possíveis efeitos no seu inter-relacionamento.

Por fim, no capítulo 5, definimos uma prospectiva mais global, focada na evolução de dois cenários mais específicos, tendo presentes os factores fundamentais identificados inicialmente: a expansão da UE e o alargamento da OTAN para a esfera de influência da extinta URSS; e, a geopolítica da energia. Ainda neste capítulo produzimos algumas reflexões para a política de segurança e energética da OTAN-UE e, em particular, de Portugal.

b. Contributos

Ao longo do trabalho, sempre que adequado, elaborámos conclusões parcelares no sentido de referenciar a validação das hipóteses e responder às questões formuladas.

Os contributos para o conhecimento relacionam-se mais com a sistematização e abordagem assumida na escolha e análise dos casos práticos e na projecção de cenários. Os conhecimentos práticos resultam em reflexões para a política de segurança e energética.

Como corolário do estudo efectuado, e resultante da integração das respostas às questões derivadas, enunciamos a seguinte resposta à questão central :

RESPOSTA À QUESTÃO CENTRAL

Quais as perspectivas de evolução das relações da OTAN, UE e Rússia face à possível deflagração de Conflitos Regionais nos Newly Independent States (NIS)?

A OTAN, UE e Rússia procurarão desenvolver uma política de acomodação como parceiros e rivais, evitando o confronto directo, instrumentalizando e limitando o número de conflitos regionais nas respectivas esferas de influência, mas colaborando pragmaticamente nas suas políticas de segurança e energéticas desde que os seus interesses vitais não sejam ameaçados.

Se necessário recorrerão a políticas coercivas e mesmo ao uso directo da força nos NIS, pelo que a deflagração de novos conflitos regionais não pode ser descartada.



Bibliografia

AFGFANISTAN ON LINE (1999). *Economy. The State of the Afghan Economy*. [em linha]. [referência em 13 de Março de 2009]. Disponível na internet em: <http://www.afghan-web.com/economy/econstate.html>

AMUS, Ronald D., HOOLBROOKE, Richard. *Black Sea Watershed*. [em linha]. [referência em 15 de Setembro de 2008]. The Washington Post Company. Disponível na internet em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2008/08/10/AR2008081001870.html>

ANDREASEN, Kaare Starner. KELSTRUP, Jakob. *Russian Prospects – political and economic scenarios*. [em linha]. March/july 2005. [referência em 18 de Dezembro de 2008]. Copenhagen Institute for Future Studies. Disponível na internet em: www.cifs.dk

BAKER III, James A. *Rússia in NATO?* [em linha]. 2002. [referência em 18 de Setembro de 2008]. In THE WASHINGTON QUARTERLY, WINTER 2002. Disponível na internet em : <http://www.twq.com/02winter/baker.pdf>

BARYSCH, Katinka. *The EU's New Russia Policy Starts at Home*. [em linha]. June 2008. [referência em 15 de Novembro de 2008]. Centre for European Reform. Disponível na internet em: http://www.cer.org.uk/pdf/russia_bn_kb_24june08.pdf

BELKIN, Paul. *The European Union's Energy Security Challenges*. [em linha]. Congressional Report Service Report for Congress. January 30, 2008. [referência em 3 de Fevereiro de 2009]. Disponível na internet em: <http://fas.org/sgp/crs/row/RL33636.pdf>

BENARD, Cheryk. et al. *Afghanistan: State and Society, Great Power Politics, and the Way Ahead*. [em linha]. 2007. [referência em 27 de Fevereiro de 2009]. Findings from na International Conference. Copenhagen, Denmark, RAND Center for Middle East Public Policy. ISBN 978-0-8330-4415-0. RAND URL. Disponível na internet em: <http://www.rand.org>

BLANK, Stephen J. *Threats to Russian Security: The View from Moscow*. [em linha]. July 2000. [referência em 14 de Fevereiro de 2009]. ISBN 1-58487-028-1. Disponível na internet em: <http://www.fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/thrussec.pdf>

BONIFACE, Pascal (1995). *Manuel Relations internationales*. Paris, DUNOD ISBN 2 10 002757 3

BONIFACE, Pascal, et al. (1996). *Dictionnaire des relations internationales*. Paris: Hatier.



ISBN 2-218-71642-9

BONIFACE, Pascal (2000). *Lexique des relations internationales*. Paris: Ellipses Édition Marketing. ISBN 2-7298-7952-8

BONIFACE, Pascal, et al. (2007). *L'Année stratégique 2008, Analyse des enjeux internationaux*. Éditions Dalloz / IRIS – 2007. ISBN 978-2-247-07499-0

BP (2008). *BP Statistical of World Energy Review. June 2008*. [em linha]. [referência em 5 de Abril de 2009]. Disponível na internet em: <http://www.bp.com/subsection.do?categoryId=9023762&contentId=7044550>

CARPENTER, Jaqueline. *Kosovo Independence: Making a Bad Situation. Worse*. [em linha]. 25 Feb 2008. [referência em 9 de Fevereiro de 2009]. World Politics Review. Disponível em: <http://www.worldpoliticsreview.com/Article.aspx?id=1661>

CARPENTER, Ted Galen. *The Limits of Deterrence*. [em linha]. September, 2008. [referência em 18 de Dezembro de 2008]. CATO Institute. Disponível na internet em: http://www.cato.org/pub_display.php?pub_id=9622

CARPENTER, Ted Galen. *Afghanistan's Drug Problem*. [em linha]. December 5, 2008b. [referência em 18 de Dezembro de 2008]. CATO Institute. Disponível na internet em: http://www.cato.org/pub_display.php?pub_id=9824

ÇINAR, Bekir. *The effect of Kosovo's independence on the security of the Balkans*. [em linha]. 26 February 2008. [referência em 14 de Novembro de 2008]. In Today's Zaman. Disponível na internet em: <http://www.todayszaman.com/tz-web/detaylar.do?load=detay&link=134862>

CIOBANU, Cezlav. *NATO/EU Enlargement: Moldova and the "Frozen and Forgotten" Conflicts In Post-Soviet Sates*. [em linha]. July 22, 2004. [referência em 15 de Setembro de 2008]. United States Institute of Peace. Disponível na internet em: <http://www.ipp.md/public/biblioteca/74/en/Report%20July%2025,%20revised.doc>

COHEN, Ariel. *U.S. Policy in the Caucasus and Central Asia: Building A New Silk Road*. [em linha]. July 24, 1997. [referência em 1 de Outubro de 2008]. Disponível na internet em: <http://www.heritage.org/Research/RussiaandEurasia/BG1132.cfm>

COHEN, Dr. Ariel. *U.S. Interests in Central Asia and the Caucasus: The Challenges Ahead*. [em linha]. 2000. [referência em 1 de Outubro de 2009]. Central Asia and the Caucasus. Journal of Social and Political Studies. Disponível na internet em : www.ca-c.org/online/2000/journal_eng/eng02_2000/02.kohen.shtml

COHEN, Ariel PhD. *Putin's Foreign Policy and U.S.-Russian Relations*. [em linha]. January 18, 2001. # 1406. [referência em 23 de Fevereiro de 2009]. The Heritage



Foundation. Backgrounder. Disponível na internet em:

<http://www.heritage.org/research/russiaandeurasia/bg1406.cfm>

COHEN, PhD Ariel. *Europe's Strategic Dependence on Russian Energy*. [em linha].

November 5, 2007. #2083. [referência em 4 de Fevereiro de 2009].The Heritage

Foundation. Backgrounder. Disponível na internet em:

<http://www.heritage.org/Research/Europe/bg2083.cfm>

COHEN, PhD Ariel. *The Russian-Georgian War: A Challenge for the U.S. and the World*.

[em linha]. August 11, 2008. # 2017. [referência em 27 de Dezembro de 2008].The

Heritage Foundation. Disponível na internet em:

<http://www.heritage.org/research/RussiaandEurasia/wm2017.cfm>

COHEN, PhD Ariel., CURTIS, Lisa, GRAHAM, Owen. *The Proposed Iran-Pakistan-*

India Gas Pipeline: An Unacceptable Risk to Regional Security [em linha]. May 30, 2008.

#2139. [referência em 19 de Fevereiro de 2009].The Heritage Foundation. Backgrounder.

Disponível na internet em: <http://www.heritage.org/Research/Europe/bg2083.cfm>

COOPER, Helene. *In Georgia clash, a lesson on U.S. need for Russia*. [em linha]. August

10, 2008. [referência em 1 de Outubro de 2008]. International Herald Tribune.

Disponível na internet em:

<http://www.nytimes.com/2008/08/10/world/europe/10diplo.html>

CORDESMAN, Anthony H. *The Georgia War and the Century of "Real Power"*. [em

linha]. August 18, 2008. [referência em 15 de Setembro de 2008]. Center for Strategic &

International Studies. Disponível na internet em:

http://www.csis.org/media/csis/pubs/080817_cordesman_georgia.pdf

Cornell Caspian Consulting. *The South Caucasus: A Regional Overview and Conflict*

Assessment. [em linha]. 2002. [referência em 10 de Outubro de 2008]. Disponível na

internet em: <http://www.cornellcaspiian.com/sida/sida.cfl-1.html>.

CORNELL, Svante E. et al. *Regional Security in the South Caucasus: The Role of NATO*.

[em linha]. 2004. [referência em 15 de Novembro de 2008].Central Asia-Caucasus

Institute, Paul H. Nitze School of Advanced International Studies, Johns Hopkins

University. ISBN: 91-85031-00-3. Disponível na internet em:

<http://www.silkroadstudies.org/docs/publications/2004/nato.pdf>

COUTO, Cor Abel Cabral (1988). *Elementos de estratégia: apontamentos para um curso*

- Volume I. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares

DANILOV, Dmitry. et al. *What Russia sees*. [em linha]. January 2005. Chaillot Paper N°



74. [referência em 13 de Novembro de 2008]. EU Institute for Security Studies. ISSN 1017-7566. ISBN 92-9198-066-8. Disponível na internet em: www.iss-eu.org

DELCOUR, Laure. *Les points de crispation de la politique étrangère russe. Février 2008*. [em linha]. 2008. [referência em 13 de Fevereiro de 2008]. Institut de Relations Internationales et Stratégiques (IRIS) / Centre d'Analyse et de Prospective du Ministère des Affaires Etrangères. Disponível na internet em: http://www.iris-france.org/docs/consulting/2008_russie.pdf

DELORY, Stéphane. *Entre Etats-Unis et Russie: Quelle Politique Européene pour la Région de la Mer Noire?* [em linha]. AFRI 2007, volume VIII. [referência em 15 de Setembro de 2008]. Centre Thucydide. Annuaire français de relations internationales. Editions Bruylant. Disponível na internet em: http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/44_Delory.pdf

DEFENSE INTELLIGENCE STRATEGY. 2008. [em linha]. Policy, Strategy and Doctrine Directorate. Office of the Under Secretary of Defense for Intelligence. Department of Defense. United States of America. [referência em 4 de Abril de 2009]. Disponível na internet em: http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/dod/def_intell_strat_080501.pdf

DOHERTY, Caitlin B. *Inside Track: U.S.-Russia Relations in Transition*. [em linha]. 04.29.2008. [referência em 4 de Janeiro de 2009]. The Nixon Center The Nixon Center. Disponível na internet em: <http://www.nationalinterest.org/Article.aspx?id=17558>

ECKERT, Dirk. *Could na Independent Kosovo Sustain Itself Economically?* [em linha]. 12.02.2008. DW-WORLD.DE. Deutsche Welle. [referência em 9 de Fevereiro de 2009]. Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,3122353,00.html>

EMBAIXADA DA FEDERAÇÃO DA RÚSSIA NA REPÚBLICA PORTUGUESA. 2008. *Press release: President of Russia addresses to the Federal Assembly of the Russian Federation*. [em linha]. Lisboa: Embaixada da Federação da Rússia na República Portuguesa. [referência de 08 de Fevereiro de 2009]. Disponível na Internet em: http://www.portugal.mid.ru/port/emb_press_106.html

EMERSON, Michael. *Europeanisation & Conflict Resolution. Testing an Analytical Framework*. [em linha]. December 2004. Nº 59. [referência de 08 de Outubro de 2008]. CEPS Policy Brief. Center for European Policy Studies. Disponível na internet em: <http://www.isn.ethz.ch/isn/Current-Affairs/Policy-Briefs/Detail/?lng=en&id=10772>

EVANS, Gareth. *European Geopolitics After the Russia-Georgia War: The Security Role of the OSCE*. [em linha]. 18 September 2008. [referência de 22 de Setembro de 2008].



International Crisis Group. Disponível na internet em:
<http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=5686&l=1>

FEFFER, John. *Cost and Dangers of NATO Expansion*. [em linha]. Foreign Policy in Focus. November 1996. Vol1 N° 16. [referência de 8 de Outubro de 2008]. Foreign Policy in Focus.. Disponível na internet em: <http://www.fpif.org/pdf/vol1/16ifnato.pdf>

FEFFER, John. *A New Helsinki Accord*. [em linha]. Foreign Policy in Focus. September 2, 2008. [referência de 30 de Janeiro de 2009]. Foreign Policy in Focus. Disponível na internet em: <http://www.fpif.org/fpiftxt/5504>

FOSTER, John. *A Pipeline Through a Troubled Land: Afghanistan, Canada, and the New Great Energy Game*. [em linha]. June 19, 2008. Foreign Policy Series. Volume 3, N° 1. [referência de 9 de Fevereiro de 2009]. CCPA Canadian Centre for Policy Alternatives. Disponível na internet em:

http://www.policyalternatives.ca/documents/National_Office_Pubs/2008/A_Pipeline_Through_a_Troubled_Land.pdf

FRIEDMAN, George. *The Medvedev Doctrine and American Strategy*. [em linha]. September 2, 2008. [referência de 20 de Outubro de 2008]. Geopolitical Intelligence Report. STRATFOR. Disponível na internet em:
www.stratfor.com/weekly/medvedev_doctrine_and_american_strategy - 42k

GALLIS, Paul. *Nato and Energy Security*. [em linha]. August, 15, 2007. [referência de 15 de Fevereiro de 2009]. Congressional Research Service. The Library of Congress. Disponível em : <http://italy.usembassy.it/pdf/other/RS22409.pdf>

GAGNON-LEFEBVRE, Vincent. *Russia-Georgia War & the Caucasus Conflict in South Ossetia Put Into Context*. [em linha]. Sep 21, 2008. [referência de 12 de Janeiro de 2009]. Disponível na internet em :
http://russia.suite101.com/article.cfm/russiageorgia_war_the_caucasus

GARIBALDI, Ida. *NATO and European Energy Security*. [em linha]. March 2008. N°1. [referência de 17 de Setembro de 2008]. American Enterprise Institute for Public Policy Research. Disponível em :
www.aei.org/publications/pubID.27719/pub_detail.asp - 69k -

GEGESHIDZE, Archil. *A Georgian Perspective: Towards “Unfreezing” the Georgian Conflicts*. [em linha]. 2008. N° 40. [referência de 12 de Dezembro de 2008]. Russia and the “Frozen Conflicts” of Georgia. Russian Analytical Digest. Disponível na internet em:
se2.isn.ch/serviceengine/FileContent?serviceID=10&fileid=2B754DCF-6677-262D-



A916-26EE058C0324&lng=en

GOLINO, Louis R. *Conflicts and Regional Flashpoints in Europe and the former Soviet Union: A Current Survey*. [em linha]. March 3. 1998. [referência de 17 de Setembro de 2008]. Congressional Research Service (CRS) of the Library of Congress. Disponível em : <http://www.bu.edu/globalbeat/nato/golino030398.html>

GOMART, Thomas. *EU-Russia Relations. Toward a Way Out of Depression*. [em linha]. July 2008. [referência de 15 de Novembro de 2008]. Center for Strategic & International Studies. Disponível em :

http://www.ifri.org/frontDispatcher/ifri/publications/publications_en_ligne_1044623469287/publi_P_publi_rus_gomart_ue_russia_relations_1214992571627

GONCHARENKO, Alexander. *Wider Black Sea Area: New Geopolitical Realities, Regional Security Structures and Democratic Control A View from Ukraine*. [em linha]. 2005? [referência de 17 de Dezembro de 2008]. In Center for International Security and Strategic Studies. Disponível na internet em :

www.icps.com.ua/doc/BLackSea_honcharenko_article.doc

GRANGER, Greg. *Russian Reactions to U.S. Foreign Policy. An Emerging Security Dilemma*. [em linha]. April 23, 2007. [referência de 19 de Dezembro de 2008]. Commentary and Analysis. AmericanDiplomacy.org. Disponível na internet em: http://www.unc.edu/depts/diplomat/item/2007/0406/gran/granger_russia.html.

GREENBERG, Robert. *Keys to Stability in the Balkans*. [em linha]. November 1, 199. [referência de 7 de Outubro de 2008]. Foreign Policy in Focus. Disponível na internet em: <http://www.fpif.org/pdf/vol4/33ifbalk.pdf>

<http://www.fpif.org/briefs/vol4/v4n33balk.html>

Grošelj, Klemen. *Energy Security in Russia - EU Partnership*. [em linha]. 2007. Issue: 6 . [referência de 15 de Fevereiro de 2009]. Western Balkans Security Observer English Edition UDK: 330.524:620.92(4-672EU); 339.92(470:4-672EU. Disponível na internet em: www.ceeol.com.

GVOSDEV, Nikolas. *Parting with Illusions. Developing a Realistic Approach to Relations with Russia*. [em linha]. 2008 February 29. Nº 611. Policy Analysis, [referência de 27 de Janeiro de 2009]. CATO Institute. Disponível na internet em: http://www.cato.org/pub_display.php?pub_id=9229

HAAS, Marcel de.(2006^a). *Geostrategy in the South Caucasus: Power play and energy security of states and organizations*. [em linha]. November 2006. [referência de 20 de



Outubro de 2008]. The Hague. Netherlands Institute of International Relations Clingendael. ISBN-10: 90-5031-115-6. ISBN-13: 978-90-5031-115-1.

HAAS, Dr Marcel de. (2006b). *Current Geostrategy in the South Caucasus*. [em linha]. 15 December 2006. [referência de 23 de Outubro de 2008]. The Power and Interest Report (PIRN).. Acedido em 23Out08. Disponível na internet em : http://www.pinr.com/report.php?ac=view_report&report_id=595&language_id=1

HAAS, Dr Marcel de. *Russia's Upcoming Revised Military Doctrine*. [em linha]. 26 February 2007. [referência de 23 de Outubro de 2008]. The Power and Interest Report (PIRN). Disponível na internet em : http://www.pinr.com/report.php?ac=view_report&report_id=622

HAMILTON, Robert E. *Russia's Strategy in the War Against Georgia*. [em linha]. August 14, 2008. [referência de 15 de Setembro de 2008]. Center for Strategic & International Studies. Disponível na internet em: http://www.csis.org/index.php?option=com_csis_pubs&task=view&id=4769

HANSON, Philip. *The August 2008 Conflict: Economic Consequences for Russia*. [em linha]. September 2008. [referência de 10 de Fevereiro de 2009]. Chatham House. Disponível na internet: http://www.chathamhouse.org.uk/files/12219_0908rep_hanson.pdf

HASSAN, Hussein D. *Iran: Ethnic and Religious Minorities*. [em linha]. November 25, 2008. [referência de 5 de Abril de 2009]. CRS Report for Congress. Disponível na internet em: <http://www.fas.org/sgp/crs/mideast/RL34021.pdf>

HUNTER, Zoë. et al. *Implications of an Independent Kosovo for Russia's Near Abroad*. [em linha]. October 2007. [referência de 1 de Outubro de 2008]. Center for Technology and National Security Policy. National Defense University. Disponível na internet em: http://www.ndu.edu/ctnsp/Def_Tech/DTP%2044%20Kosovo-Caucasus.pdf

Jane's Defence Weekly. (2009). Volume.46, Issue 3, 21January 2009

Jane's Defence Weekly. (2009). Volume 46, Issue 12, 25March2009

JDCC. *Strategic Trends, Methodology, Key Findings and Shocks*. [em linha]. March 2003. [referência de 15 de Março de 2009]. The Joint Doctrine and Concepts Centre. Disponível na internet em:

<http://ics.leeds.ac.uk/papers/pmt/exhibits/1993/strategictrends.pdf>

JOE2008. *The Joint Operating Environment 2008. Challenges and Implications for the*



Future Joint Force. [em linha]. 2008. [referência de 15 de Março de 2009]. United States Joint Forces Command. Disponível na internet em: <http://www.jfcom.mil/newslink/storyarchive/2008/JOE2008.pdf>

KAPILA, Dr Subhash. *Russia's Monroe Doctrine: Strategic Implications*. [em linha]. 13Oct08. [referência de 4 de Fevereiro de 2009]. South Asia Analysis Group. Disponível na internet em:

<http://www.southasiaanalysis.org/%5Cpapers29%5Cpaper2879.html>

KISSINGER, Henry (1994). *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster. ISBN 0-671-65991-X

KISSINGER, Henry, (2003). *Precisará a América de uma Política Externa?* Gradiva. 2003. ISBN 972-662-925-x.

KISSINGER, Henry A., SCHULTZ, George P.(2000b). *Finding common ground*. [em linha]. September 30, 2008. [referência de 15 de Outubro de 2008]. Real Clear Politics. Disponível na internet em:

http://www.realclearpolitics.com/articles/2008/10/finding_common_ground.html

KISSINGER, Henry A. *Finding common ground with Russia*. [em linha]. July 8, 2008. [referência de 29 de Janeiro de 2009]. Washingtonpost.com. Disponível na internet em: <http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2008/07/07/AR2008070702218.html>

KLARE, Michael. *Russia and Georgia: All About Oil*. [em linha]. August 13, 2008. [referência de 8 de Outubro de 2008]. Foreign Policy in Focus. Disponível na internet em: <http://www.fpif.org/fpiftxt/5462>.

KORSKI, Daniel. *Afghanistan: Europe's forgotten war*. [em linha]. January 2008. [referência de 13 de Janeiro de 2009]. European Council on Foreign Relations. Ecfr.eu. ISBN: 978-1-906538-03-3. Disponível na internet: http://ecfr.3cdn.net/c43ad7d70cf03ddadb_cem6bqqcx.pdf

KRASTEV, Ivan. *Russia and the Georgia War: the great power trap*. [em linha]. 2008-08-31. [referência de 30 de Setembro de 2008]. Open Democracy News Analysis. Disponível na internet em: <http://www.opendemocracy.net/article/russia-and-the-georgia-war-the-great-power-trap>

KUCHINS, Andrew C. *Where Should U.S. Policy toward Russia Go from Here?* [em linha]. September 8, 2008. [referência de 15 de Setembro de 2008]. Center for Strategic & International Studies. Disponível na internet em:



http://www.csis.org/index.php?option=com_csis_pubs&task=view&id=4866

KUCHINS, Andrew. *Russian Scenarios*. [em linha]. December 19, 2008b. [referência de 19 de Dezembro de 2008]. Washington Profile. Disponível na internet em: <http://www.washprofile.org/en/node/7753>

KUUSI, Osmo. SMITH, Hanna. TIIHONEN, Paula. (2007). *Russia 2017: Three scenarios*. Parliament of Finland. The Committee for the future. Helsinki 2007. ISBN 978-951-53-2958-5 (Printed) ISBN 978-951-53-2959-2 (PDF)

Larke, Daniel F. *Kto Kogo? The Use of Peacekeeping Forces in Russian Foreign Policy: The Cases of Moldova, Georgia, Bosnia and Kosovo*. [em linha]. 2002. [referência de 23 de Novembro de 2008]. University of Washington. Disponível na internet em:

<http://www.dtic.mil/cgi-bin/GetTRDoc?AD=ADA400742&Location=U2&doc=GetTRDoc.pdf>

LARSSON, Robert L. *Nord Stream, Sweden and Baltic Sea Security*. [em linha]. March 2007. [referência de 3 de Fevereiro de 2008]. Swedish Defence Research Agency (FOI). FOI-R--2251—SE. ISSN 1650-1942. Disponível na internet: <http://www.foi.se/upload/english/reports/foir2251.pdf>

LEONARD, Mark; POPESCU, Nicu. *A Power Audit of EU-Russia Relations*. [em linha]. November 2007. [referência de 23 de Setembro de 2008]. European Council on Foreign Relations ecfr.eu. Disponível na internet:

http://ecfr.3cdn.net/1ef82b3f011e075853_0fm6bphgw.pdf

LINDE, Prof. dr. Coby van der. *Study on Energy Supply Security and Geopolitics*. [em linha]. January 2004. [referência de 19 de Dezembro de 2008]. Clingendael International Energy Programme (CIEP). Institute of International Relations Clingendael. The Hague. Netherlands. Disponível na internet em:

<http://www.clingendael.nl/ciep/staff/publications.html?id=42&&type=other>

LYNE, Sir Roderic. *Russia and the West: Is Confrontation Inevitable?* [em linha]. January-March 2008. Nº 1. [referência de 04 de Fevereiro de 2009]. Russia in Global Affairs. Disponível na internet em:

<http://eng.globalaffairs.ru/numbers/22/1177.html>

LIPSEY, Richard G. (1992). *An Introduction to Positive Economics*. Weidenfeld and Nicholson London. ISBN 0-297-79555-4

MANOLAKIS, Spyros. *The Final Status and Its Implications for Balkan Stability*. [em linha]. March 2005. [referência de 13 de Março de 2009]. Naval Postgraduate School



Monterey. Disponível na internet em: <http://stinet.dtic.mil/cgi-bin/GetTRDoc?AD=ADA432889&Location=U2&doc=GetTRDoc.pdf>

MARKEDONOV, Sergei. *A Russian Perspective: Forging Peace in the Caucasus*. [em linha]. 2008. Nº 40. [referência de 12 de Dezembro de 2008]. Russia and the “Frozen Conflicts” of Georgia. Russian Analytical Digest. Disponível na internet em: se2.isn.ch/serviceengine/FileContent?serviceID=10&fileid=2B754DCF-6677-262D-A916-26EE058C0324&lng=en

MARKEDONOV, Sergei. *Regional Conflicts Reloaded*. [em linha]. October-December 2008b. Nº 4. [referência de 27 de Janeiro de 2009]. Russia in Global Affairs. Disponível na internet em: <http://eng.globalaffairs.ru/numbers/25/1247.html>

MARLTIROSYAN, Samvel. *Turkey and the Caucasus: Can They Be Friendly Neighbors?* [em linha]. 2008. [referência de 3 de Janeiro de 2009]. Strategic Culture Foundation. Disponível na internet em: <http://en.fondsk.ru/article.php?id=1717>

MILOV, Vladimir. *Russia and the West. The energy factor*. [em linha]. July 2008. [referência de 20 de Setembro de 2008]. Center for Strategic & International Studies CSIS. Disponível na internet em:

http://www.csis.org/index.php?option=com_csis_pubs&task=view&id=4742

MOLLER, Major General Karsten. *Russian Security Policy – In Search of a Major Power Identity*. [em linha]. 2000. Nº3 Volume. [referência de 23 de Setembro de 2008]. Baltic Defence Review. Disponível na internet em: <http://www.bdcpl.ee/fileadmin/docs/bdreview/06bdr100.pdf>

MONAGHANL, Dr. Andrew. *Russia –EU Relations: An Emerging Energy Security Dilemma*. [em linha]. 2005. [referência de 13 de Novembro de 2008]. Disponível na internet em: <http://www.carnegieendowment.org/files/EmergingDilemma1.pdf>

MORANDI, Maura. *Approaching the conflicts in Abkhazia and South Ossetia: different perceptions*. [em linha]. April 2008. [referência de 15 de Janeiro de 2009]. Institute for Integrative Conflict Transformation and Peacebuilding IICP Working Paper Series ISSN 1995-1957 (Print) ISSN 1995-1965 (Online). Disponível na internet em: www.iicp.at/communications/publications/papers/WP0803_AbkhaziaSouthOssetia.pdf

NATO. (2009). *NATO Topics: The Partnership for Peace*. [referência de 9 de Outubro de 2009]. Disponível na internet em: <http://www.nato.int/issues/pfp/index.html>

NODIA, Ghia. [em linha]. 2004. [referência de 20 de Novembro de 2008]. Europeanization and (not) Resolving Secessionist Conflicts. Disponível na internet em:



www.ecmi.de/jemie/download/1-2004Comment01.pdf

NOVOSTI. *South Ossetia Conflict FAQs*. [em linha]. 17/09/2008. [referência de 25 de Novembro de 2008]. Russian News and Information Agency. Disponível na internet em: <http://en.rian.ru/russia/20080917/116929528.html>

NYE, Joseph S (2002). *Compreender os conflitos internacionais. Uma Introdução à Teoria e à História*. Lisboa: Gradiva. ISBN 972-662-845-8

PEROVIC, Jeronim. *Caucasus Crisis: Implications and Options for the West*. [em linha]. September 2008. Vol3. Nº 39. [referência de 23 de Setembro de 2008] CSS Analyses in Security Policy. Disponível na internet em: se2.isn.ch/serviceengine/FileContent?serviceID=10&fileid=839B8F81-2970-2DBC-3130-21CF0D11CFCF&lng=en

PIEBALGS, Andris. *Energy Response to energy challenges*. [em linha]. 22 January 2009. [referência de 30 de Março de 2009]. Speech at the EU Energy and Environment Law and Policy Conference. Brussels, 22 January 2009. Disponível na internet em : http://www.energy.eu/DG-TREN-releases/SPEECH-09-18_EN.pdf

POND, Elizabet. *The EU's Test in Kosovo*. [em linha]. Autumn 2008. [referência de 10 de Novembro de 2009]. The Washington Quarterly. The Center for Strategic and International Studies and the Massachusetts Institute of Technology. Disponível na internet em: www.twq.com/08autumn/docs/08autumn_pond.pdf

REN. Redes Eléctricas Nacionais, SGPS. [em linha]. [referência de 4 de Abril de 2009]. Disponível na internet em: <http://www.ren.pt/vPT/Pages/Homepage.aspx>

RITSCHER, Adam. [em linha]. *A Brief History of Afghanistan*. [referência de 19 de Dezembro de 2008]. Afghanistan Government Web Site. Disponível na internet em: <http://www.afghangovernment.com/briefhistory.htm>

RYWKIN, Michael. *Russia and the Near Abroad Under Putin*. [em linha]. 2003, 25 3-12. [referência de 16 de Setembro de 2008]. American Foreign Policy Interests, Disponível na internet em:

http://www.clas.ufl.edu/users/bmoraski/Russia/Rywkin03_AFPI.pdf

SANDER, Aaron G. *US-Russian Energy Security in The Caucasus: The Prospects for Conflict in the National Interests*. [em linha]. 24.10.2006. [referência de 10 de Outubro de 2008]. The School of Russian and Asia Studies. Disponível na internet em: http://www.sras.org/us-russian_energy_security_in_the_caucasus

SANTOS, Gen José L. (2008) *A caminho da “normalização” desejada pela Rússia?*



Público. 14Set08.

SANTOS, Gen José L.(2008b). *A Turquia no actual contexto estratégico do Ocidente*. Público. 15Nov08.

SANTOS, Gen José L. (2009). *O triângulo EUA-Rússia-Irão*. Público. 05Mar09.

SAUNDERS, Paul J. *Russian Energy and European Security. A Transatlantic Dialogue*. [em linha]. February, 2008. [referência de 30 de Setembro de 2008]. The Nixon Center. Disponível na internet em : www.nixoncenter.org

SMITH, Herschel. *Will Russian-Afghan Logistics Dictate Foreign Policy?* [em linha]. 14Jan 2009. [referência de 27 de Janeiro de 2009]. The Captain's Journal. Disponível na internet em: <http://www.captainsjournal.com/2009/01/14/will-russian-afghan-logistics-dictate-foreign-policy/>

SMITH, Dr M. A. *Russian Foreign Policy 2000: The Near Abroad*. [em linha]. December 2000. [referência de 10 de Outubro de 2008]. Conflict Studies Research Centre. ISBN 1.903584-14-0. Disponível na internet em: www.da.mod.uk/colleges/arag/document-listings/russian/F71

SMYRNYGIN, Leonid. V. *Typologies of Regional Conflicts in Modern Russia*. [em linha]. 2008. . [referência de 15 de Setembro de 2008]. Disponível na internet em: http://www.rand.org/pubs/conf_proceedings/CF139/CF139.chap1.pdf

SMORODINSKAYA, Nataliya. *Motives Behind Russian Foreign Policy*. [em linha]. October 2008. Issue #8 [referência de 18 de Dezembro de 2008]. The EU-Russia Centre Review. "Russian Foreign Policy". Brussels Disponível na internet em: www.imepi-eurasia.ru/baner/smorodinskaya_eu_review8.doc

SOCOR, Vladimir. *The Frozen Conflicts: A Challenge to Euro-Atlantic Interests*. [em linha]. 2004. [referência de 10 de Novembro de 2008]. German Marshall Fund of the United States. Disponível na internet em:

www.jamestown.org/fileadmin/Vlads_Corner/policypapers/KonstRon.doc

SOCOR, Vladimir. *The CSTO: Missions, Capabilities, Political Ambitions*. [em linha]. February 6, 2009. Volume: 6 Issue: 25. [referência de 9 de Fevereiro de 2009]. Publication: Eurasia Daily Monitor the Jamestown Foundation. Disponível na internet em:

http://www.jamestown.org/single/?no_cache=1&tx_ttnews%5Btt_news%5D=34473&tx_ttnews%5BbackPid%5D=7&cHash=438698c817

STEPANOVA, Ekaterina. U.S. – *Russia Cooperation on Afghanistan: An Exception or a*



Model? [em linha]. September 2001. [referência de 14 de Novembro de 2008]. PONARS Policy Memo 2001. Institute of World Economy and International Relations. Disponível na internet em :

http://www.csis.org/media/csis/pubs/pm_0201.pdf

TANTER, Richard. *Pipeline Politics: Oil, gas and the US interest in Afghanistan*. [em linha]. November 21, 2001. [referência de 5 de Janeiro de 2009]. Z Magazine. Disponível na internet em: <http://www.ccmep.org/hotnews/pipeline112101.html>.

THE FOREIGN POLICY CONCEPT OF THE RUSSIAN FEDERATION. [em linha]. 2000. [referência de 23 de Fevereiro de 2009]. Disponível na internet em: <http://www.fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/econcept.htm>

TRENIN, Dimitri. *Russia's Threat Perception and Strategic Posture in Russian Security Strategy under Putin*. [em linha]. November 2007. [referência de 13 de Novembro de 2008]. Strategic Studies Institute. U.S. Army War College. ISBN 1-58487-327-2. Disponível na internet em:

<http://www.carnegie.ru/en/pubs/media/77570.htm>

TRENIN, Dmitri. *Toward a New Euro-Atlantic "Hard" Security Agenda. Prospects for Trilateral U.S.-EU-Russia Cooperation*. [em linha]. July 2008. [referência de 15 de Setembro de 2008]. Center for Strategic & International Studies. Disponível na internetem:

<http://www.csisbookstore.org/index.asp?PageAction=VIEWPROD&ProdID=214>

Tür, Özlem. *Nato's Relations with Russia and Ukraine*. [em linha]. June 2000. [referência de 18 de Novembro de 2008]. Middle East Technical University, Department of International Relations, Ankara, Turkey. Disponível na internet em: <http://www.nato.int/acad/fellow/98-00/tur.pdf>

US Department of Defense. *Department of Defense dictionary of military and associated terms* [em linha]. 12 April 2001US. [referência de 10 de Março de 2009]. Department of Defense, (As Amended Through 17 October 2008). Disponível na Internet em: http://www.dtic.mil/doctrine/jel/new_pubs/jp1_02.pdf

WEISS, Stefani. *Frozen Conflicts – Kant reloaded*. [em linha]. September 2008. # 2008/10. [referência de 15 de Setembro de 2008]. Spotlight Europe - Disponível na internetem: http://aei.pitt.edu/8900/01/Englisch_spotlight_Frozen%20Conflicts_08-09-05.pdf

WEITZ, Richard. *GUAM And The Georgian War*. [em linha]. 2008. [referência de 29 de



Dezembro de 2008]. Central Asia-Caucasus Institute Analyst. Disponível na internet em: <http://www.cacianalyst.org/?q=node/4917/print>

WILLIAMS, Ian.(2008b). *What to do now in Georgia*. August 19, 2008. [em linha]. [referência de 08 de Outubro de 2008]. Foreign Policy in Focus. Disponível na internet em: <http://www.fpif.org/fpiftxt/5477>

VLASSOV, Alexei. *The End of Multi-Vector Policies*. [em linha]. October-December 2008. Nº 4. [referência de 27 de Janeiro de 2008]. Russia in Global Affairs. Disponível em: <http://eng.globalaffairs.ru/numbers/25/1246.html>

ZUNES, Stephen. (2008). *Kosovo and the Politics of Recognition*. [em linha]. February 21, 2008. [referência de 7 de Outubro de 2008]. Foreign Policy in Focus. Disponível na internet em: <http://www.fpif.org/fpiftxt/5006>

ZUNES, Stephen. (2008b). *U.S. Role in Georgia Crisis*. [em linha]. August 14, 2008. [referência de 08 de Outubro de 2008]. Foreign Policy in Focus. Disponível na internet em: <http://www.fpif.org/fpiftxt/5465>

NÃO REFERENCIADO ESPECIFICAMENTE NO TEXTO

BENDERSKY, Yevgeny. *Russia's Future Foreign Policy: Pragmatism in Motion* [em linha]. 04May05. [referência de 31 de Janeiro de 2009]. Power and Interest News Report (PINR). Disponível na Internet em:

http://www.pinr.com/report.php?ac=view_report&report_id=293&language_id=1

BONIFACE, Pascal (1997). *Atlas des relations internationales*. Paris: Hatier. ISBN 2 218 71430-2

BRZEZINSKI, Zbigniew . *The Caucasus and New Geo-Political Realities. How the West Can Support the Region*. [em linha]. Summer 1997 (5.2) Pages 42-45. [Referência em 18 de Outubro de 2008]. Azerbaijan International. Disponível na internet em:

http://www.azer.com/aiweb/categories/magazine/52_folder/52_articles/52_caucasus.html

BRZEZINSKI, Zbigniew. A geostrategy for Eurasia. [em linha]. 1997. [referência em 23 de Setembro de 2009]. Disponível na internet:

<http://www.comw.org/pda/fulltext/9709brzezinski.html>

BUHBE, Matthes. *The Main Features of a German Strategy towards Russia*. [em linha]. March 2007. [Referência em 6 de Fevereiro de 2009]. Compass 2020. Disponível na internet em: <http://library.fes.de/pdf-files/iez/04742.pdf>



BOGER, Adam. Russia and the CFE Treaty: The Limits of Coercion. [em linha]. December 2000. [Referência em 14 de Janeiro de 2009]. The Defense Monitor. Disponível na internet em: <http://www.cdi.org/dm/2000/issue10/cfe.html>

Clingendael. Netherland Institute of International Relations. (2008). [em linha]. 2008. Number 2008/4. [Referência em 5 de Abril de 2009]. The gas Supply Outlook for Europe, The Role of Pipeline Gas and LNG. Clingendael International Energy Programme. Disponível na internet em:

http://www.clingendael.nl/publications/2008/20080800_ciep_energy.pdf

COHEN, Ariel. *Domestic Factors Driving Russia's Foreign Policy* [em linha]. November 19, 2007. [referência de 18 de Fevereiro de 2009]. The Heritage Foundation. Disponível na Internet em:

<http://www.heritage.org/Research/RussiaandEurasia/bg2084.cfm>

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS. 2006. *Livro Verde: estratégia europeia para uma energia sustentável, competitiva e segura*. [em linha]. Bruxelas: União Europeia. [referência de 07 de Fevereiro de 2009]. Disponível na Internet em:

<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2006:0105:FIN:PT:PDF>

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. *An energy policy for Europe. Communication from the commission to the european council and the european parliament*. [em linha]. Brussels, 10.1.2007. {SEC(2007) 12}. COM(2007) 1 final. [referência de 3 de Abril de 2009]. Disponível na internet em: http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/en/com/2007/com2007_0001en01.pdf

DEFENCE ACADEMY OF THE UNITED KINGDOM. 2007. *Russia and the Security of Europe's Energy Supplies: Security in Diversity?* Shrivenham: Defence Academy of the United Kingdom. [referência de 05 de Fevereiro de 2009]. Disponível na Internet em:

<http://se2.isn.ch/serviceengine/FileContent?serviceID=10&fileid=E01719FD-5CEE-6B5D-EF48-181E39EDFC83&lng=en>

GRESH, Alain. et al. (2003). *Atlas da globalização, le monde diplomatique*. Lisboa: Campo da Comunicação. ISBN 972-8610-16-5

ISS. The European Union Institute for Security Studies. *A Secure Europe in a Better World. European Security Strategy*. [em linha]. 12 December 2003. [referência de 10 de Novembro de 2008]. Disponível na Internet em: <http://www.iss.europa.eu/uploads/media/solanae.pdf>

JOHNSON, David E.; MUELLER Karl P. ; TAFT V, William H. *Conventional Coercion Across the Spectrum of Operations. The Utility of U.S. Military Forces in the*



- Emerging Security Environment*. [em linha]. 2002. [referência de 17 de Março de 2009]. Arroyo Center. RAND. Disponível na internet em: http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1494/MR1494.pref.pdf
- KARAGANOV, Sergei. *A New Epoch of Confrontation*. [em linha] October-December 2007. Nº4. [referência de 15 de Fevereiro de 2009]. Russia in Global Affairs. Disponível na internet em: <http://eng.globalaffairs.ru/region-ecology/numbers/21/1148.html>
- KOLCHIM, Dr. Sergei. *Why Russia refuses to ratify Energy Charter*. [em linha]. 07.04.06. [referência de 10 de Janeiro de 2009]. Disponível na internet em: <http://www.bilkent.edu.tr/~crs/energycharter.htm>
- Kosovo, non solo balcani*. (2008). LIMES Rivista Italiana di Geopolitica. n. 2/2008. Gruppo Editoriale l'Espresso.. ISBN 771124904000
- MOREIRA, Adriano. (1997). *Teoria das Realções Internacionais*. Livraria Almedina-Coimbra. ISBN 972-40-1050-3
- MOSHES, Arkady. *Russia and Europe in the Aftermath of the Georgian Conflict: New Challenges, Old Paradigms*. [em linha]. September 2008. [referência de 19 de Janeiro de 2009]. Chatham House. Disponível na internet em: http://www.chathamhouse.org.uk/files/12221_0908rep_moshes.pdf
- RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE MINISTROS Nº 169/2005. *Estratégia Nacional Para a Energia* [em linha]. [Lisboa]. [referência de 11 de Outubro de 2006]. Disponível na Internet em: http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Governos/Governos_Constitucionais/GC17/Ministerios/MEI/Comunicacao/Programas_e_Dossiers/20050929_MEI_Prog_Estrategia_Energia.htm
- TRENIN, Dmitri. ARBATOV, Alexei. *Russia-U.S. Relations: What Next?* [em linha]. 06Out08. [referência de 10 de Outubro de 2008]. Eurasian Home. Analytical Resource. Disponível na internet em: <http://www.eurasianhome.org/xml/t/expert.xml?lang=en&nic=expert&pid=1754>
- PRESIDENT OF RUSSIA. *The Constitution of the Russian Federation* [em linha]. President of Russia Official Web Portal [referência de 23 de Fevereiro de 2009]. Disponível na Internet em: <http://www.kremlin.ru/eng/articles/ConstMain.shtml>, e <http://www.kremlin.ru/eng/articles/ConstEng4.shtml>
- PRESIDENT OF RUSSIA. *The Foreign Policy Concept of the Russian Federation* [em linha]. July 12, 2008. [referência de 23 de Fevereiro de 2009]. President of Russia Official Web Portal. Disponível na Internet em: <http://www.kremlin.ru/eng/text/docs/2008/07/204750.shtml>



PUTIN, Vladimir. *Speech and the Following Discussion at the Munich Conference on Security Policy* [em linha]. February 10, 2007. [referência de 23 de Fevereiro de 2009]. President of Russia Official Web Portal. Disponível na Internet em:

http://www.kremlin.ru/eng/text/speeches/2007/02/10/0138_type82912type82914type82917type84779_118123.shtml

PUTIN, Vladimir. *Speech at Expanded Meeting of the State Council on Russia's Development Strategy through to 2020* [em linha]. February 8, 2008. [referência de 20 de Fevereiro de 2009]. President of Russia Official Web Portal. Disponível na Internet em:

http://www.kremlin.ru/eng/speeches/2008/02/08/1137_type82912type82913_159643.shtml

SANTOS, Gen José L. (2004). *Convulsões. Ano III da «Guerra» ao Terrorismo*. Publicações Europa-América. ISBN 972-1-05382-1. pp. 49-85

THE BROOKINGS INSTITUTION. *The Russian Federation*. [em linha]. October 2006. [referência de 19 de Fevereiro de 2009]. The Brookings Foreign Policy Studies. Energy Security Series. Disponível na Internet em:

<http://www3.brookings.edu/fp/research/energy/2006russia.pdf>

TRENIN, Dmitri. *Russia's Coercive Diplomacy*. [em linha]. January 2008. [referência de 10 de Novembro de 2008]. Carnegie Moscow Center. Disponível na Internet em:

http://www.carnegie.ru/en/pubs/briefings/PB%20_Jan_10_1_2008_Eng_web.pdf

TROFIMOV, Dmitry. *Russian Foreign Policy Objectives in Central Asia*. [em linha] 200?. IISS. The International Institute for Strategic Studies. [referência de 16 de Dezembro de 2008]. Disponível na Internet em:

<http://www.iiss.org.uk/programmes/russia-and-eurasia/copyof-russian-regional-perspectives-journal/copyof-rrp-volume-1-issue-2/russian-foreign-policy-objectives-in-central-asia/>

WILLIAMS, Ian. *A New Kosovo*. [em linha]. February 20, 2008. [referência de 7 de Outubro de 2008]. *Foreign Policy in Focus*. Acedido em 07Out08. Disponível na internet em: <http://www.fpif.org/fpiftxt/4992>



Apêndice 1 – Quadro de Indução

TEMA
O IMPACTO DOS CONFLITOS REGIONAIS NAS RELAÇÕES OTAN/UE-RUSSIA

QUESTÃO CENTRAL

QUAIS AS PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE A OTAN, UE E RÚSSIA FACE À POSSÍVEL DEFLAGRAÇÃO DE CONFLITOS REGIONAIS [NOS *NEWLY INDEPENDENT STATES*] ?

QUESTÕES DERIVADAS	HIPÓTESES	VALIDAÇÃO	CONCLUSÕES PARCELARES
<p>Q₁ Quais os factores que actualmente mais condicionam as relações entre a OTAN-UE e a Rússia?</p>	<p>H_{1a} O alargamento da OTAN constitui uma mudança significativa na situação geopolítica na Europa com influência decisiva nas zonas de conflito.</p>	Pag 7	<p>O alargamento da OTAN é considerado pela Rússia como uma ameaça à sua segurança e interesses nacionais;</p> <p>O petróleo e gás natural da região do Mar Cáspio e Ásia Central são fundamentais para a UE e para os EUA. Para a UE permite-lhe reduzir a dependência de alguns Estados-membros da energia russa e para os EUA possibilita a diversificação das suas fontes energéticas das do Golfo Pérsico.</p> <p>A Rússia tentará controlar os <i>frozen conflicts</i> no seu processo de reconstituir a sua esfera de influência, sendo um actor fundamental para a resolução destes conflitos;</p> <p>Outras potências como a China, Índia e Japão, e organizações internacionais, especialmente a CSTO e a SCO poderão constituir um elemento de equilíbrio na competição entre a Rússia e os EUA pela influência do Cáucaso do Sul e da Ásia Central.</p>
	<p>H_{1b} As fontes energéticas da região do Mar Cáspio e da Ásia Central têm importância vital para os seus detentores.</p>	Pag 8	
	<p>H_{1c} Perante a inexistência de uma política energética comum na UE, desenvolveu-se nos Estados-membros, e face à Rússia, uma interdependência assimétrica em petróleo e gás natural.</p>	Pag 10	
<p>Q₂ Onde poderão ocorrer os conflitos regionais que mais afectam as relações entre a OTAN-UE e a Rússia?</p>	<p>H₂ Os conflitos tenderão a ocorrer nos NIS, com maior probabilidade nas regiões dos <i>frozen conflicts</i>.</p>	Pag 13	
<p>Q₃ Que outros actores externos nessas regiões podem interferir nas relações entre a OTAN-UE e a Rússia?</p>	<p>H₃ O equilíbrio geopolítico do Cáucaso do Sul, e da Ásia Central, pode ser alterado pela interferência de outros actores externos (potências locais e organizações internacionais).</p>	Pag 16	
<p>Q₄ Quais os conflitos regionais pós URSS que afectam e permitem caracterizar as relações entre a OTAN-UE e a Rússia?</p>	<p>H₄ Pode definir-se um padrão no relacionamento da OTAN, UE e Rússia nos conflitos regionais avaliados.</p>	Pag 29	
<p>Q₅ Quais as perspectivas de evolução das relações da OTAN, UE e Rússia?</p>	<p>H₅ A continuação da dependência do petróleo e do gás natural russo dos países membros da OTAN e UE, associada à ocorrência de conflitos regionais continuará a condicionar as relações entre a OTAN, UE e Rússia.</p>	Pag 26-30	<p>A ocorrência de conflitos continuará a condicionar as relações futuras entre a OTAN, UE e Rússia;</p> <p>A expansão da OTAN e UE prosseguirá, mas a um ritmo mais lento;</p> <p>A obtenção de petróleo e gás natural, sem restrições político militares, é um interesse vital para os países membros e determinará as relações entre os actores;</p> <p>A associação da força e poder militar com a política energética constituirá um instrumento de poder.</p>

RESPOSTA À QUESTÃO CENTRAL

A OTAN, UE e Rússia procurarão desenvolver uma política de acomodação como parceiros e rivais, evitando o confronto directo, instrumentalizando e limitando o número de conflitos regionais nas respectivas esferas de influência, mas colaborando pragmaticamente nas suas políticas de segurança e energéticas desde que os seus interesses vitais não sejam



ameaçados. Se necessário recorrerão a políticas coercivas e mesmo ao uso directo da força nos NIS, pelo que a deflagração de novos conflitos regionais não pode ser descartada.

Apêndice 2 – Corpo de conceitos

Caucásia – O mesmo que Cáucaso.

Cáucaso – Região entre o Mar Negro e o Mar Cáspio compreendendo o Sudoeste da Rússia, Geórgia, Azerbaijão e Arménia. As montanhas do Cáucaso dividem a região em Cáucaso do Norte e Cáucaso do Sul.

Cáucaso do Norte – Região Norte do Cáucaso.

Cáucaso do Sul – Região Sul do Cáucaso composta politicamente pela Geórgia, Azerbaijão e Arménia.

Caveats – Restrições político militares impostas unilateralmente pelas Nações sobre o emprego dos contingentes nacionais em operações multinacionais condicionando normalmente o seu empenhamento em operações de combate.

Choke point (sea) – Estreito ou canal estratégico que quando fechado ou bloqueado interrompe o tráfego marítimo.

Conflito - disputa entre actores do sistema político internacional, resultante da divergência de interesses e a ameaça do recurso à força ou o seu uso por escolhido estiver presente como meio de resolução

Diplomacia coerciva – Emprego conjunto da diplomacia e da coacção a fim de alterar o comportamento do oponente (Tocha, 2009: 5).

Esfera de influência – Atribuição de influência preponderante sobre extensas regiões a potências específicas (Kissinger, 1994:40).

Frozen conflict – Conflito, numa determinada região, não totalmente solucionado e que pode ser reactivado a qualquer momento sob a forma armada.

Geoestratégia – Estudo das constantes e das variáveis do espaço acessível ao homem que, ao objectivarem-se na construção de modelos de avaliação e emprego, ou ameaça de emprego de formas de coacção, projecta o conhecimento geográfico na actividade estratégica (ME 71-00-08).

Geopolítica – Estudo das constantes e das variáveis do espaço acessível ao homem que, ao objectivarem-se na construção de modelos de dinâmica de poder, projecta o



conhecimento geográfico no desenvolvimento e na actividade da ciência política (ME 71-00-08).

Irredentismo – doutrina política que exprime actualmente a vontade de alguns povos constituídos em Estados exigirem a integração nesse Estado de populações da mesma nacionalidade mas residentes num país estrangeiro (Boniface, 2000: 128).

Near abroad – Todo o espaço geopolítico da antiga União Soviética, a que corresponde de facto “a esfera dos interesses vitais russos” (Boniface, 2000:94).

Ocidental – No sentido geoestratégico, o mesmo que Ocidente.

Ocidente – No sentido geoestratégico designa o conjunto das democracias ocidentais, a Oeste da ex “cortina de ferro”. Por extensão, para além destas democracias europeias, inclui-se os EUA e o Canadá (Boniface, 2000: 169).

Out of area (operations) – Operações executadas fora do território dos países membros da OTAN.

PIB – Valor da produção total realizada em toda a economia num determinado período, geralmente num ano (Lipsey, 1992: 783).

Política internacional – Política na ausência de um soberano comum, a política entre entidades sem um poder acima delas (Nye, 2002: 3).

Potência – Capacidade de uma unidade política impor a sua vontade a outras unidades (Raymond Aron).

Power politics- Ameaça ou emprego do poder militar ou económico de um Estado sobre outro, ou sobre outros actores não estatais, para concretizar os seus interesses político-estratégicos.

Projecção de poder- Capacidade de uma Nação aplicar todo ou parte dos seus elementos de poder nacional para rápida e eficazmente projectar e sustentar forças em e de múltiplos locais dispersos para responder a crises, para contribuir para a contenção, e para aumentar a estabilidade regional (Dictionary of Military and Associated Terms).

Realpolitik - Conceito onde a força determina as relações entre Estados e o poder prevalece (Kissinger, 1994: 104).

Sistema bipolar – O poder encontra-se concentrado em dois pólos (Couto, 1988:45). Dois principais centros de poder, ou dois grandes países ou dois sistemas de alianças coesos, dominam a política (Nye, 2002: 43).



Sistema multipolar – O poder encontra-se concentrado em poucos pólos (Couto, 1988:45). Estrutura de um sistema internacional que tem três ou mais centros de poder (Nye, 2002: 43).

Sistema unipolar – O poder encontra-se concentrado num único pólo (Couto, 1988:45). Estrutura de um sistema internacional onde exista apenas uma potência preponderante (Nye, 2002: 43).

Segurança energética – Salvaguarda dos processos e das estruturas de extracção, produção, distribuição e abastecimento de petróleo e gás, garantindo o seu fluxo ininterrupto.

Segurança interna – Ordem e tranquilidade pública, conseguida através de actividades desenvolvidas pelo Estado para proteger pessoas e bens, para prevenir a criminalidade e contribuir para assegurar o normal funcionamento das instituições.

Soft power – Poder cooptativo ou poder “suave” (Nye, 2002:72). Capacidade para atrair e influenciar o comportamento de actores do sistema político internacional através de recursos indirectos (diplomáticos, culturais, ideológicos...).

Transcaucásia – Área no sudeste europeu (sul das Montanhas de *Caucasus*) que forma a parte sul da Caucásia (que abrange as Repúblicas da Geórgia, Arménia e o Azerbaijão).

Win-win situation – Situação em que os participantes resolvem as suas disputas acomodando-se conjugando ganhos múltiplos (ninguém perde).

Zero sum situation – Situação em que o ganho ou perda é exactamente igual à perda ou ganho do adversário (soma nula).

Zonas de influência – Áreas onde um país concretiza a sua esfera de influência.



Apêndice 3 – Dados Estatísticos de Energia

Tabela 5 - Produção e Reservas de Gás Natural (%)

2007	PRODUÇÃO	RESERVAS
<i>Brasil</i>	0,4	0,2
Total da América Central e do Sul	5,1	4,4
<i>Argélia</i>	2,8	2,5
<i>Líbia</i>	0,5	0,8
<i>Nigéria</i>	1,2	3
Total de África	6,5	8,2

Legenda:

Reservas comprovadas, para 100 anos.

Dados extraídos da BP Statistical of World Energy Review.

June 2008

Tabela 6 - Origem do Gás Natural Importado (2006)

ORIGEM	EMPRESA	%
ARGÉLIA	SONATRACH	61
NIGÉRIA	NLNG	37
SPOT ¹	-	2

Legenda: Dados extraídos da GALP

¹ Refere-se às *spot transactions*, contratos realizados a curto prazo, com flutuações diárias nos preços.



Apêndice 4 – Casos de Estudo

Tabela 7 – Aplicação dos Factores de Análise aos Casos de Estudo

AFEGANISTÃO	KOSOVO	GEORGIA
<p>A origem mais recente dos conflitos remonta a 1979 quando a URSS invadiu o Afeganistão, tendo iniciado um conflito, que duraria 10 anos, contra os resistentes afegãos (apoiados pelos EUA e pelo Paquistão). Com a retirada dos soviéticos em Fevereiro de 1989 deu-se início a uma outra fase do conflito interno, entre os mujahideen (resistentes) e os apoiantes dos soviéticos e, posteriormente até 1994, entre as várias facções sem que qualquer grupo tenha conseguido estabelecer um controlo global sobre o país. Em 1994 os Taliban, um grupo islâmico Sunita fundamentalista, iniciam a conquista do poder tendo ocupado Cabul em Setembro de 1996. Movimentos extremistas e terroristas islâmicos encontram um santuário no país, estabelecendo bases de treino. Após o 11 de Setembro de 2001 os EUA exigem a entrega de Osama Bin Laden e, face à recusa dos governantes Taliban, dão início a uma campanha militar, apoiando simultaneamente a Aliança do Norte (Northern Alliance)¹. Os Taliban, refugiaram-se nas áreas montanhosas na fronteira porosa com o Paquistão e iniciam uma campanha irregular e de terror. Confrontados com dois conflitos em simultâneo, no Iraque e no Afeganistão, os EUA pressionam a entrada da OTAN no conflito.</p> <p>Mosaico de grupos étnicos, onde hoje existem mais de 12 grupos significativos (Rajischer, 2002:1) 107, é fácil o recrutamento para as forças Taliban, para os inúmeros senhores da guerra e para o narcotráfico.</p>	<p>Os antecedentes próximos deste conflito remontam a 1987 com a desintegração da ex-Jugoslávia após a morte de Tito. A declaração de independência da Croácia da Jugoslávia em 1991 inicia uma série de conflitos étnicos que envolverá toda a ex-federação, Bósnia-Herzegovina, Sérvia-Montenegro, Macedónia e Kosovo (Golino, 1998: 2). O Kosovo sendo uma província da Sérvia mas de maioria albanesa muçulmana (cerca de 85% de etnia albanesa e 10% sérvios) (Zimes, 2008: 1) reagirá à acção do governo de Slobodan Milosevic que em 1989 lhe retira a autonomia. Em Julho de 1990 autoridades separatistas declaram a independência, apenas reconhecida pela Albânia. Aos ataques iniciados pelo Kosovo Liberation Army (KLA), de origem étnica albanesa, contra a polícia e exército sérvio no Kosovo, a Sérvia responde militarmente levando ao êxodo de mais de 800 000 kosovares albaneses, com consequente crise humanitária associada. Em 24 de Março de 1999 a OTAN inicia uma campanha aérea, apoiada pelo KLA como força terrestre (Greenberg, 1999: 2). Esta campanha, inicialmente aérea e posteriormente terrestre, conduz a um acordo de paz e a resolução 1244 da ONU que possibilitará o estabelecimento de uma Administração interna, a United Nations interim Administration Mission in Kosovo (UNMIK) e uma força militar, a NATO-led Force (KFOR). Gorada a possibilidade de acordo na ONU sobre o estatuto do Kosovo, baseado na proposta do enviado especial Martti Ahtisaari, as negociações prosseguiram através Grupo informal de Contacto constituído pela Alemanha, França, Itália, Reino Unido, Rússia e EUA. Na ausência de acordo envolvendo a Sérvia, a maioria de etnia albanesa declarou unilateralmente a independência em 17 de Fevereiro de 2008.</p>	<p>O Cáucaso tem vivido numa permanente instabilidade desde a implosão da URSS em 1991, contabilizando mais 50 000 mortos a par da destruição de infraestruturas (Cornell, 2004). Os conflitos centram-se em territórios habitados por minorias étnicas. Na Geórgia as regiões afectadas são a Abecázia e a Ossétia do Sul embora existam outras, como a Adjara de minoria muçulmana e Javakheti de minoria arménia. Na Abecázia e na Ossétia do Sul cerca de 7/8 da população têm passaporte russo, dos quais apenas 5 a 10% são de origem russa (Novosti, 2008).</p> <p>Abecázia</p> <p>Em 1992 verificaram-se conflitos étnicos devido a tensões geradas pelo governo regional pretender restaurar a Constituição de 1925, defendendo a criação de um Estado Federado. Em Setembro de 1992 os representantes da Geórgia, Abecázia e Rússia negociaram o primeiro cessar-fogo, repetidamente violado, tendo conduzido à assinatura em Julho de 1993 do segundo acordo. Em Setembro de 1993 as forças da Abecázia com o apoio de voluntários do Cáucaso do Norte, reforçado com material e equipamentos russos (Hunter, 2007: 8), expulsaram as forças georgianas. Em 1994 foi assinado novo acordo de cessar-fogo permitindo a presença de forças de <i>peacekeeping</i> do CIS (Morandi, 2008: 14). Constituiu-se um país <i>de facto</i> apoiado por forças russas. As duas partes em conflito aterrozaram a população civil, sendo esta guerra civil caracterizada, em relatórios da ONU e da Human Rights Watch, como de limpeza étnica (Hunter, 2007: 9).</p> <p>Ossétia do Sul</p> <p>O catalizador mais importante para o recrudescimento dos conflitos mais recentes foi o referendo a toda a URSS para o novo tratado da União em 1991³. Boicotado pelos georgianos, recebeu 99 por cento dos votos dos</p>

¹ Os Taliban procuram instituir um estado teocrático baseado na sua interpretação extremista do Corão.

² Organização político militar, denominada como Frente Unida para a Salvação do Afeganistão (The United Islamic Front for the Salvation of Afghanistan -- Jabha-yi Muttahid-i Islami-yi Milli bara-yi Nijjat-i Afghanistan), criada em 1996 com a finalidade de combater os Taliban.

³ Com este Tratado da União, Gorbachev procurava manter a unidade da URSS mas de uma forma descentralizada. A tentativa de golpe em 19 de Agosto de 1991, na véspera da assinatura do acordo, acabou por inviabilizar esse projecto. Em Dezembro todas as repúblicas declararam a independência e assinaram um novo Tratado da União.



<p>Habitantes da Ossétia pela permanência na União. Em 1992, um segundo referendo resultou numa votação superior a 90% a favor da independência. Em Junho de 1992 foi assinado um acordo de cessar-fogo permitindo a constituição de forças conjuntas de <i>peacekeeping</i>, de unidades da Geórgia, Rússia e da Ossétia. O processo de paz prolongou-se no tempo sem conseguir resultados definitivos (Morandi, 2008: 36).</p>	<p>O principal factor de instabilidade e que afecta a segurança é a questão territorial não resolvida e intimamente associada a minorias étnicas. Acentuada pela herança da URSS estruturada numa federação territorial de base étnica (Cornell, 2002:2). Cumulativamente, o conflito político violento, a poderosa criminalidade organizada (Cornell, 2004: 11) e o terrorismo internacional constituem ameaças concretas, não apenas para a Geórgia mas para toda a região.</p> <p>O crime organizado tem apoiado os conflitos secessionista e está infiltrado nas estruturas estatais, dificultando a resolução dos conflitos e o combate ao crime.</p>	<p>O Cáucaso do Sul situado entre a Rússia e o Irão e estabelecendo a ponte entre a Europa e a Ásia, tem aumentado a sua importância estratégica. A região Mar Negro, Cáucaso do Sul e Mar Cáspio detém a segunda maior reserva de petróleo e gás natural (Ciobanu, 2004: 15). Para a UE e para os EUA esta região constitui-se como factor fundamental numa política de diversificação de fontes energéticas da Arábia Saudita e do Golfo Pérsico e de contenção do ressurgimento da Rússia. O BTC foi construído com o apoio americano (Zunes, 2008b:3) evitando o controlo do Irão ou da Rússia, tem um fundamento geopolítico mais forte que outras razões técnicas ou económicas (Sander, 2006: 2). A entrada da Bulgária na OTAN contribui para o estabelecimento desse corredor.</p> <p>A Rússia tem procurado recuperar a hegemonia na região tentando contrariar o avanço da OTAN e da UE. Tem assumido uma política energética agressiva de controlo das fontes e dos oleodutos, com objectivos não só económicos mas também de influência política (Klare, 2008:1). Para tal tem procurado manter a sua presença militar na Abecázia e na Ossétia do Sul (Zunes, 2008b:3) e tem manipulado a</p>
<p>Enquanto não se desenvolvem e se fortalecem instituições responsáveis e capazes de garantirem a segurança e estabilidade dos cidadãos, em particular da minoria sérvia (Williams, 2008: 2), é avisada a política de seguir o Plano de Abtisaari de uma independência tutelada. Após a retirada das forças sérvias a minoria sérvia foi perseguida e 50% já terá fugido do país (Zunes, 2008: 2). A população é estimada actualmente em 2,1 milhão de habitantes, 92% de etnia albanesa, 5,3 % sérvia e 2,7% de outras etnias (Hunter, 2007: 5). O KLA está conotado ao terrorismo e a clãs mafiosos. A máfia albanesa tem-se caracterizado pela sua coesão, brutalidade e sucesso no controlo do fluxo de heroína oriundo do Afeganistão¹. Com a autoridade residindo numa estrutura tradicionalmente patriarcal e de fortes lealdade de clã (Pond, 2008:105), são bem concretos os riscos do Kosovo se poder transformar num pólo de instabilidade regional.</p>	<p>A evolução do Kosovo reflecte a incapacidade da Rússia em se opor, em 1999, à OTAN e UE. A reacção de ocupar com forças militares o aeroporto de Pristina, em Junho de 1999, foi simbólica por não poder alterar o rumo dos acontecimentos. Porém, demonstrou ao Ocidente que a Rússia não se coíbria de empregar a força para defender os seus interesses (Larke, 2002: 88). A OTAN e a Rússia, souberam conduzir a crise apesar da retórica agressiva, sem permitir a escalada de violência. Para a Rússia, a OTAN (EUA) instiga a instabilidade a fim de aumentar a presença militar nos Balcãs visando dois objectivos principais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • constituir uma base (Camp Bonosteel) de apoio à sua projecção de poder e às acções militares no Iraque, Afeganistão e, potencialmente, no Irão; e, • garantir a segurança do oleoduto Albânia-Macedónia-Bulgária (Trans-Balkan). <p>Para os russos existe um paralelismo entre o conflito no Kosovo e o da</p>	<p>A Rússia, a Europa e, essencialmente os EUA, têm interesses comuns no Afeganistão que relevam a sua importância geopolítica. São eles, o combate ao terrorismo islâmico (Santos, 2008 a), a expansão do fundamentalismo islâmico e à produção e tráfico de narcóticos (Tanter, 2001: 2). Acresce para os EUA a contenção da influência do Irão na região e a possibilidade de construção de um oleoduto ligando o Turquemenistão ao Mar Árábico passando pelo Afeganistão, e o gasoduto TAPI, desde o Turquemenistão ao Paquistão e Índia (Foster, 2008: 6), retirando os países da Ásia Central, e possuidores de petróleo e gás, da esfera de influência russa.</p>

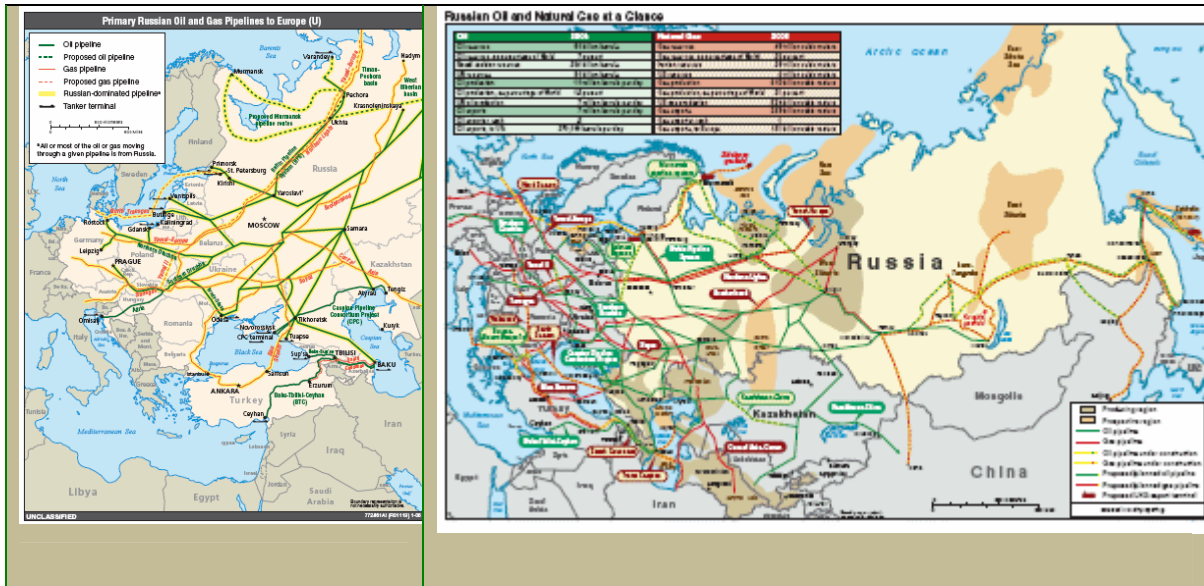


i		Tchetchênia, uma maioria muçulmana reprime uma minoria eslava, utiliza o terrorismo e tem ambições territoriais para além do seu território (Larke, 2002: 83). O receto que movimentos separatistas ou anti-russos ameaçassem a estabilidade da Federação ou aos seus interesses (Çinar, 2008) foi mesmo transposta para a sua doutrina militar. A possibilidade de união do Kosovo com a Albânia, procurando criar a Grande Albânia, poderá aumentar a instabilidade na região porquanto existem territórios na Grécia e na Macedónia (FYROM) com população de etnia albanesa.	instabilidade regional de acordo com os seus objetivos. Com a Abecázia, a Rússia garante o acesso ao Mar Negro (verdadeira opção geopolítica), mesmo que um dia perca Sebastopol. Por outro lado, a presença militar dos Estados Unidos e seus aliados na Ásia Central, no Afeganistão e no Médio Oriente, e a utilidade de "bases" no Cáucaso reforçam o valor estratégico da região.
a	Os EUA, a Rússia, o Paquistão, o Irão, a Índia e a UE são os actores externos com maior relevância (Korski, 2008: 3). Após a retirada soviética em 1989 a Rússia e os EUA cooperaram na pressão sobre os Talibá para alterarem as políticas quanto ao terrorismo e à produção de narcóticos, nas sanções da ONU, na constituição de um grupo bilateral para lidar com a ameaça terrorista do Afeganistão (Stepanova, 2001:1) e na permissão russa para os EUA usarem o espaço aéreo (Smith, 2009: 2) na campanha militar. Para o Irão não lhe interessa nem o reforço do poder dos Talibá (Sumitas extremistas) nem a presença de tropas ocidentais no Afeganistão mas, no curto prazo, prefere manter os EUA e o Remo Unido empenhados militarmente (Benard, 2007: 14) pelo que apoia de forma limitada as forças Talibá (Korsky, 2008:26). A UE não tem revelado capacidade para influenciar a agenda americana na região.	Os actores externos decisivamente presentes neste conflito são a OTAN e a ONU para legitimar e alargar o campo de actuação para além do âmbito militar. A componente militar foi decisiva na resolução do conflito e ela iniciou-se mesmo sem mandato do Conselho de Segurança. A influência e actuação dos Estados Unidos, ainda que inseridos na OTAN, determinou não apenas a forma de actuação militar (essencialmente bombardeamentos aéreos) como também o desfecho da campanha e, ainda, a orientação para a independência. A actuação da Rússia não foi relevante do ponto de vista militar, tendo mesmo a OTAN apoiado o batalhão que ocupou ao aeroporto de Pristina (Moller, 2000: 74).	Os actores externos relevantes no Cáucaso do Sul (Cornell, 2002:14) são os EUA (via OTAN) e UE, a Rússia e, como potências locais, a Turquia e o Irão. A Rússia tentou impedir a influência dos EUA e da Turquia, aproximando-se do Irão, numa tentativa de monopolizar o transporte dos recursos energéticos do Mar Cáspio. A Turquia capitalizou as suas relações bilaterais com os EUA, como membro da OTAN e pretendente à UE. Reforçou as suas relações com a Geórgia e o Azerbaijão tendo em vista o corredor Este-Oeste, entre a região do Mar Cáspio e a Europa. O Irão desenvolveu uma política activa no Mar Cáspio para limitar a ascendência (separatista) do Azerbaijão sobre a minoria Azeri de 18 milhões, 24% da população iraniana (Hassan, 2008). Se a Rússia chegar a acordo com os EUA sobre a sua esfera de influência, o projecto nuclear do Irão poderá ser a moeda de troca. A Rússia não interessa um Irão armado com um arsenal nuclear (Santos, 2009).
s	Do ponto de vista governativo, e pelos padrões Ocidentais, o Afeganistão ainda não tem as condições para se governar autonomamente. A existência de senhores da guerra, a corrupção generalizada, o narcotráfico e o confronto entre grupos não permite a estabilidade social, necessária para o estabelecimento de estruturas governativas normais. Economicamente tem sobrevivido com a ajuda internacional e através da cultura do ópio, da qual produz 90% da oferta mundial (Carpenter, 2008:2). A sua economia apresentou e apresenta grandes vulnerabilidades às políticas dos países vizinhos. Primeiro da URSS e, actualmente, do Paquistão (para além do apoio ocidental) (Afghanistan, 1999). O Afeganistão possui reservas de petróleo, gás natural e carvão que poderão contribuir para o seu desenvolvimento.	No âmbito governativo o Kosovo levará algum tempo a criar instituições permanentes e práticas governativas semelhantes às dos países Ocidentais, pese embora o investimento da UE. A corrupção, o crime organizado e as tensões étnicas internas e externas (a etnia albanesa nos países vizinhos) dificulta o estabelecimento da "normalidade". E uma região encravada, estando totalmente dependente da ajuda internacional. Até à data recebeu apenas 25 vezes mais do que o montante atribuído ao Afeganistão (Carpenter, 2008: 1). Detêm alguns recursos naturais (carvão, chumbo, zinco, cromo e prata) mas a sua indústria extractiva é obsoleta ou está inoperacional. A agricultura é de subsistência e os serviços começam a desenvolver-se. A construção de uma central eléctrica a carvão poderá ser um factor de desenvolvimento. Para tal necessita de atrair investimentos estrangeiros para a sua indústria extractiva de carvão (Eckert, 2008). Economicamente não tem viabilidade, é um Estado incapaz de se auto-sustentar (Mamollakis, 2005: 50).	Com uma governação onde a autoridade está enfraquecida pela corrupção, ausência de um verdadeiro estado de direito e uma incapacidade económica autónoma, esta região não tem viabilidade sem um forte apoio externo. Com estabilidade na região e graças ao seu clima subtropical, turismo e proximidade a rotas comerciais, talvez possa desenvolver-se e reduzir essa dependência externa. Ossétia do Sul Encontra-se pior que a Abecázia, quer da governação quer economicamente. A economia tem um potencial muito fraco dependendo de doações da Rússia, Geórgia (antes do conflito iniciado em Agosto 2008) e da comunidade internacional (Hunter, 2007:13). Sendo economias pequenas só a paz e estabilidade poderá promover o renascimento da região como encruzilha cultural e económica entre os eixos Oriente - Ocidente e Norte - Sul.



Anexo 2 – Rede de Oleodutos e de Gasodutos

Figura 4 – Oleodutos e Gasodutos Russos



Fonte: EIA. Energy Information Administration. Official Energy Statistics from the US Government. Country Analysis Briefing. Russia. <http://www.eia.doe.gov/cabs/Russia/Maps.html>

Figura 5 – Pontes “de energia” ou rivalidades



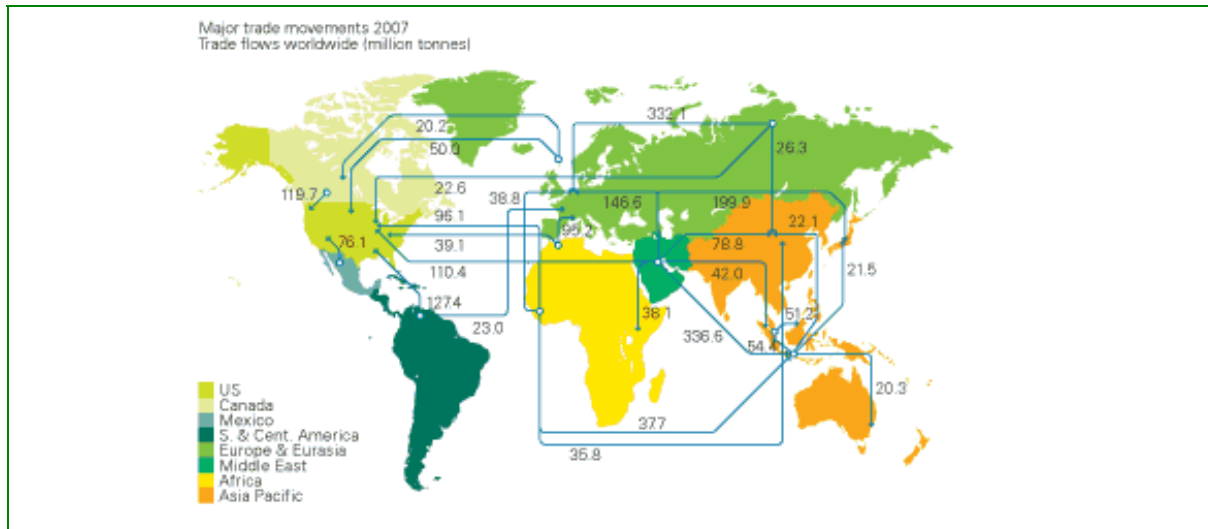
Fonte: EIA. Country Analysis Briefs Caspian Sea Region Country Analysis Caspian Sea Region Country Analysis Brief. http://www.parstimes.com/library/caspian_doe_2003.pdf

Fonte: CCPA Canadian Centre for Policy Alternatives http://www.policyalternatives.ca/documents/National_Office_Pubs/2008/A_Pipeline_Through_a_Troubled_L_and.pdf



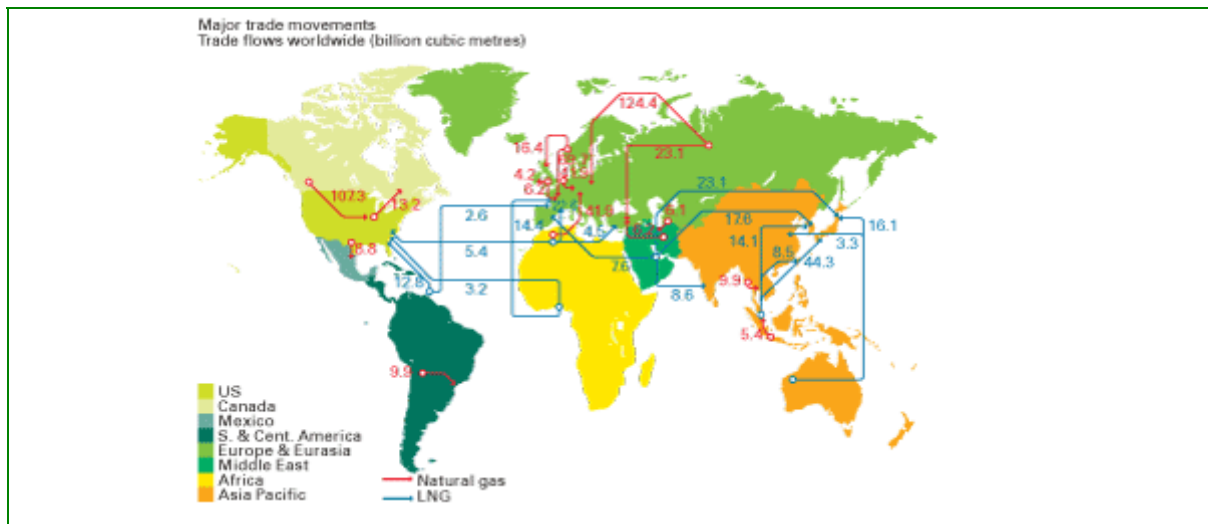
Anexo 3 – Comércio de Petróleo e Gás Natural

Figura 6 – Transporte de Petróleo



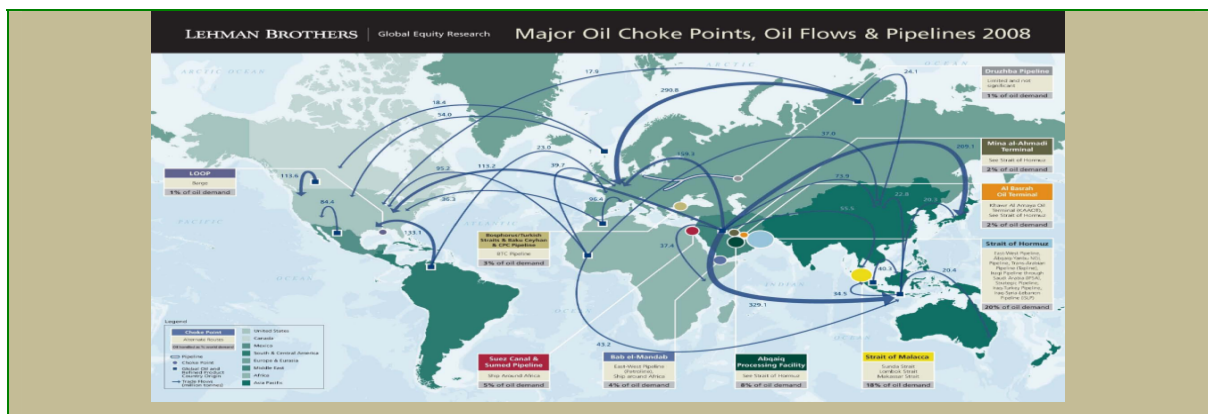
Fonte: BP. <http://www.bp.com/sectiongenericarticle.do?categoryId=9023778&contentId=7044199>

Figura 7 – Transporte de Gás Natural



Fonte: BP. <http://www.bp.com/sectiongenericarticle.do?categoryId=9023783&contentId=7044475>

Figura 8 – Choke Points

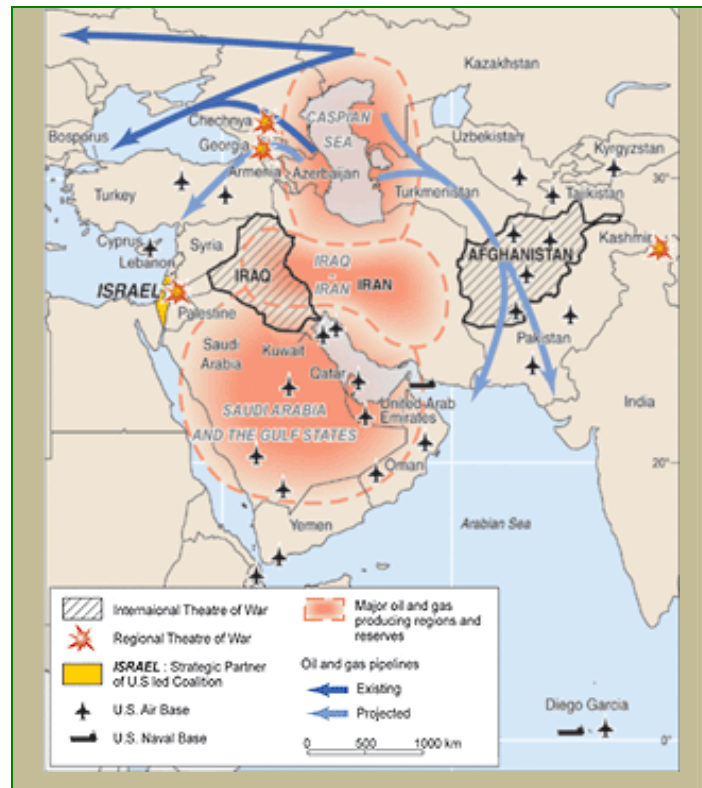


Fonte: <http://www.deepgreencrystals.com/images/GlobalOilChokePoints.pdf>



Anexo 4 – Dispositivo Militar e Fontes de Energia

Figura 9 – Segurança Energética



Fonte: Eric Waddell, *The Battle for Oil*, Global Research, 2003

Figura 10 – Uma visão da Ásia Central



Fonte: http://www.heartland.it/map_centro_asia_ring.html

